# PESSOASPERFEITAS

Ivam Cabral | Rodolfo García Vázquez

# Sumário


As bengalas da humanidade.....14
Peça mostra humanidade concreta mas fora do realismo documental.....21
Pessoas Perfeitas.....27
Epílogo.....29
Medalha se apresenta.....31
O questionário.....32
Numa lan house do centro.....35
Walt Whitman.....39
Um Jantar.....42
Cantoras de bar nunca se tornam estrelas de verdade.....45
Não existem pessoas perfeitas.....47
Sarah e Robalo se falam pela primeira vez.....51
O encontro que nunca existiu.....54
Eu só preciso de um pouco de carinho.....57
O vestido de casamento.....60
Como é que este lugar funciona.....63
Alguém pra tomar conta de mim.....66
Mais um telefonema.....68
No metrô ou a cena que não faz parte do espetáculo.....71
Os abraços que queimam.....73
Passagem de Medalha.....76
Café dos desbotados.....77
Oração de desespero.....79
A dança do agradecimento cósmico.....81
Esperança grita pelas ruas.....83
Álbum.....87

# Entre máscaras e papéis [1]

*"Pessoas perfeitas" confere estatuto dramático aos "sujeitos sujeitados" que habitam as grandes cidades*

**Welington Andrade** [2]

*"O mundo nada mais é que correlação objetiva da pessoa; portanto, a cada pessoa individual corresponde um mundo individual".*

Max Scheler

A longevidade de uma companhia de teatro é uma meta com a qual talvez poucos diretores, atores e dramaturgos no Brasil ousem sonhar. A estabilidade do grupo sedimenta seu projeto artístico, estabelece com o público vínculos mais duradouros e convida à necessária experimentação de repertório e de linguagens. Assim é que o fato de uma companhia como Os Satyros chegar já a seu 25º ano de existência deve ser celebrado por todos aqueles que creem que o teatro ainda tem muito a dizer nos tempos atuais.

Fundada em 1989 por Ivam Cabral e Rodolfo García Vázquez, com a montagem de *Aventuras de Arlequim*, a companhia iria se tornar nacionalmente conhecida com o espetáculo *Sade ou noites com os professores imorais*, sua primeira incursão por *A filosofia na alcova*, do Marquês de Sade, autor que orientou boa parte do repertório artístico e político do grupo e esteve no centro das comemorações de suas duas décadas. Entretanto, a trajetória d'Os Satyros – uma das mais consequentes no panorama geral da cena contemporânea brasileira –

1 Crítica do espetáculo "Pessoas Perfeitas", publicada no site da Revista Cult, em 20 de outubro de 2014.

2 Welington Andrade é doutor em Literatura Brasileira pela USP, na área de dramaturgia, e crítico de teatro da revista Cult.

deve ser avaliada menos pelo bom número de espetáculos com temas polêmicos, difíceis de serem digeridos pelo grande público, que eles conceberam e mais pela ousadia de tratar tais assuntos pelo viés de uma teatralidade viva e inquieta.

Para comemorar suas duas décadas e meia de existência, a companhia está apresentando em seu pequeno teatro na praça Roosevelt o espetáculo *Pessoas perfeitas*, dirigido por Rodolfo García Vázquez. A peça retrata um grupo de cidadãos anônimos de uma grande metrópole como São Paulo, às voltas com suas vidas ao rés-do-chão, de onde brotam dramas íntimos, pequenas alegrias, afeições patéticas e alguma dose de lirismo. Do roteiro das cenas – escrito por Ivam Cabral e Rodolfo García Vázquez a partir da observação do comportamento de moradores do centro da cidade e de entrevistas realizadas com eles – emana uma atmosfera muito envolvente que, além de chamar a atenção para o caráter tão singular das histórias de vida ali traçadas, convida o espectador a entrar em contato com imagens muito agudas, concebidas a partir da natureza da categoria da "pessoa", o mais combalido dos conceitos cunhados no âmbito da psicologia e da filosofia nos últimos tempos, cuja crise de representação espraia-se por todas as artes.

A origem do termo "pessoa" em português remete à forma latina "persona", mas evoca uma relação com o mundo do teatro, que o espetáculo d'Os Satyros tão habilmente sabe explorar. Em *Sobre Shakespeare*, o crítico canadense Northrop Frye aponta: "Antigamente os atores em geral usavam máscaras no palco, e a metáfora do ator mascarado acabou originando duas palavras na língua. Uma é "hipócrita", de origem grega, que se refere ao olhar do ator através da máscara; a outra é "pessoa", de origem latina, e se refere à fala do ator através dela. Atualmente usamos também a palavra *persona* para falar do aspecto social de um indivíduo ou do modo de ele



enfrentar as outras pessoas. De certa forma esse termo é enganoso, pois pressupõe um ser real debaixo da máscara e, como o solilóquio nos faz lembrar, não há nada por trás de uma *persona* a não ser uma outra *persona*".

Ora, a grande qualidade de *Pessoas perfeitas* é o fato de a peça não se acomodar à sua superfície documental, dando voz realisticamente a um grupo de indivíduos cujos traços particulares qualquer espectador é capaz de reconhecer, por exemplo, ao caminhar atentamente pelas ruas de São Paulo. Desse modo, no espetáculo, a questão da identidade não está voltada às dimensões antropológica e sociológica do cidadão paulistano. Antes, cada uma das "pessoas perfeitas" a quem Os Satyros resolveram dar vida constitui um ser fracassado por trás de uma máscara, cujo comportamento individual está intimamente associado a uma performance de natureza dramática, potencializada pela função subalterna ou deslocada que ela ocupa na escala social.

O espetáculo fala de seres espectrais tensionados por suas relações com o mundo e consigo mesmos, convertendo tais "sujeitos sujeitados" em ásperas criações teatrais. Talvez três sejam os tipos de máscaras que eles assumam. A jovem interiorana que chega à capital para viver uma experiência mística (Julia Bobrow), o garoto de programa com quem ela começa a namorar (Henrique Melo) e a mãe deste, uma frívola mulher suburbana (Marta Baião), são tipos que tendem ao histriônico e ao caricatural, calcados em manifestações de exagero e exterioridade. Um segundo grupo é formado pela ex-cantora fadada à morte (Adriana Capparelli) e pelo escritor decadente que vaga pela cidade (Fábio Penna) – sobre os quais uma atmosfera de *derrisão melodramática* assenta tão bem.

Por fim, outro par se forma, a partir do qual o espetáculo atinge momentos de uma tragicomicidade das mais comoventes. Trata-se do açougueiro solitário (Eduardo Chagas) e do zeloso filho de uma

mãe com Alzheimer que à noite se transforma em outra pessoa ao fazer uso dos serviços de disque-amizade (Ivam Cabral). A máscara de ambos parece transitar pelo registro do clown branco, devotada à "pureza romântica, melancólica, sentimental", como atesta o *Dicionário do teatro brasileiro: temas, formas e conceitos.*

A investigação satyriana a respeito desses perfeitos fantasmas que o capitalismo moderno tem convidado cada vez mais a perambular, anônimos, pelas ruas das grandes cidades convida a algumas especulações. O variegado supermercado do misticismo, do sexo e da frivolidade vem oferecendo seus atraentes produtos ao indivíduo-massa – despersonalizado e desconectado de qualquer interioridade, mas sempre confiante em sua singularidade exacerbada. A arte tem buscado ungir indiferentemente os talentosos e os incompetentes, transformando-se em um lucrativo negócio para o qual a falsidade é a prova dos nove, hostil, portanto, aos que se orgulham de ter muita verdade interior. Já os afetos mais genuínos continuam a ligar os indivíduos e a lhes oferecer certos remansos frente à impessoalidade que grassa por todos os lados. Mas, hoje, paradoxalmente, tais afetos parecem tão mais reais quanto mais virtuais forem seus canais de expressão.

Todos os atores estão à vontade diante de empreitada *sui generis*, explorando suas máscaras e seus papéis com muita segurança. (Deve-se à direção de Rodolfo García Vázquez, naturalmente, a adesão irrestrita dos intérpretes ao delirante, desconcertante e estranho clima que se cultiva no palco). Entretanto há que se destacar de modo particular o trabalho vocal e corporal de Eduardo Chagas e de Ivam Cabral, que simplesmente iluminam as cenas de que participam ao se lançarem com tanto empenho à diligente composição de suas comoventes figuras. Por meio de cada inflexão de voz, cada gesto, cada olhar, ambos os atores caminham com impressionante domínio técnico e emocional sobre o tênue fio que separa o sublime do grotesco.



Impossível não fazer menção também à participação das violoncelistas Alessandra Giovannoli e Rebeca Friedmann, que se revezam no papel da figura soturna da mãe demente, cuja fala tartamudeante corresponde aos espasmos sonoros extraídos do violoncelo. Embora a personagem não seja defendida por uma atriz e não assuma uma máscara propriamente como as demais, não se pode deixar de pontuar a expressividade de tal figura em cena, construída em cima desta poderosíssima imagem simbólica de alguém que se comunica precariamente pelas cordas retesadas de um instrumento penetrante.

O problema do conceito de pessoa e dos múltiplos papéis que o indivíduo assume ao longo de sua vida há muito tempo vem sendo matéria de investigação da filosofia. Um dos principais representantes do estoicismo latino, o filósofo grego Epicteto (50-125) já advertia no primeiro século da era cristã: "Lembra-te de que aqui não passas de ator de um drama, que será breve ou longo segundo a vontade do poeta. E se lhe agradar que representes a pessoa de um mendigo, esforça-te por representá-la devidamente. Faze o mesmo, se te for destinada a pessoa de um coxo, de um magistrado, de um homem comum. Visto que a ti cabe apenas representar bem qualquer pessoa que te seja destinada, a outro pertence o direito de escolhê-la".

Ao comemorarem seu 25° ano de existência, Os Satyros estão bebendo uma vez mais nas fontes da filosofia e da psicologia, atrelando-as de modo muito original às esferas da política e do próprio mundo do teatro. Associar o fenômeno teatral a sua inequívoca vocação de arte pública talvez seja a mais importante contribuição que o grupo venha prestando à cultura brasileira. Quem transita hoje pela praça Roosevelt – onde, além da própria sede da companhia e da SP Escola de Teatro, na qual ela também atua, estão instalados mais quatro teatros – revive o ambiente das antigas ágoras gregas, locais de grande afluência do público nos quais se promoviam discussões políticas e festas cívicas.

# As bengalas da humanidade... [3]

**Sergio Zlotnic** [4]

**I –** Ninguém escapa ileso ao espetáculo teatral "Pessoas perfeitas", a nova erupção do vulcão criativo dos Satyros!

Entre muitas leituras possíveis, talvez valha a pena tomar o caminho que enxerga na pesquisa da companhia uma discussão sobre os clichês da contemporaneidade. Explico!

Em "Pessoas perfeitas", o grupo resgata a vida soterrada por debaixo dos chavões que se multiplicam por aí e engessam nossos dias. Os estereótipos não são só linguísticos; são também comportamentais: entulhos e entulhos que recobrem nossa solidão.

Os Satyros recuperam aqui – como em outras investigações – aquilo que há de mais humano nas pessoas que circulam pela cidade, que cruzam cotidianamente nossos caminhos; sobre as quais lançamos olhares de indiferença: aos anônimos, um olhar anônimo – para que não haja risco de qualquer identificação.

Ivam Cabral e Rodolfo García Vázquez, com incrível facilidade, transformam clichês em poesia. Mas, como eles fazem isso?!

Eles parecem escutar (e libertar) histórias pessoais que a doença da cidade e os discursos produzidos por ela ocultam: memórias, planos, projetos, sonhos, desejos, enganos, desencontros, dores... Elementos excluídos do campo. Deslegitimizados.

Um pouco talvez como o consultório de Psicanálise, esse Teatro antenado com nosso tempo revela as minúsculas misérias nas quais estamos enfiados. Minúsculas e enormes ao mesmo tempo, pois é

3 Artigo publicado no portal da SP Escola de Teatro – Centro de Formação das Artes do Palco, em 22 de agosto de 2014.

4 Sergio Zlotnic é psicanalista.



redentora a operação de dar singularidade a essas vozes massificadas. E é imenso o gesto de ouvir murmúrios que hibernam no subsolo do senso-comum. Lençol freático resistente à desertificação...

Neste espetáculo, vemos escancarados nossos tristes dias, em que é proibido não ser feliz. E, nessa medida, o título irônico do espetáculo, "Pessoas perfeitas", não poderia ser mais "perfeito"!

Diferente do psicanalista, entretanto, os artesãos do Teatro têm maior ambição e maior alcance. Poderão curar a cidade?! A pergunta é ingênua, mas a resposta não é óbvia (veja adiante a questão recolocada).

**II –** Os clichês são impessoais, grassam por aí, se multiplicam e são virais. Empesteiam nossa Era! São introjetos alienantes que engolimos e, sem nos dar conta, repetimos por aí. Vomitamos diariamente na rede! Sem mediação.

São fragmentos inespecíficos que escondem nossas singularidades e, justamente por isso, desumanizam. Pois o que quer nos defina como gente é estrangeiro aos discursos de massa: nossa "essência" está fora desse circuito viral! E se não nos recortamos do lugar-comum, somos condenados a aderir a frases-feitas – que oferecem ilusão de pertinência, ao custo de pobreza despersonalizante. O clichê é uma bengala – sem a qual pensamos que vamos cair.

Pois bem. É notável o talento dos Satyros em identificar a ditadura de estereótipos: arrancando clichês que a cidade produz, como lixo, eles encontram matéria humana. Encontram profundidade e espessura, ali onde acreditávamos estar pisando a esterilidade do lugar-comum. Por ser inesperada, essa descoberta tem impacto sísmico e faz o chão tremer. E a rapidez com que os Satyros fazem isso é atordoante, numa inversão (veloz!) que – pelo contraste – nos faz perder o ar.

Um exemplo. Marta Baião, excepcional como a personagem Cacilda, distribui platitudes do começo ao fim da peça. Subitamente, porém, ela solta uma frase: – *eu não sei onde eu encontro coragem todo dia pra levantar sem ter notícia desse menino*! Essa fala dura um segundo, mas concentra uma densidade de dor e solidão espantosa – sobretudo porque a atriz a diz com economia (onde poderia decidir gritar) e se dirige a uma espécie de amiga imaginária, que nos faz compreender de supetão que o caricato da personagem é defesa que a permite suportar o filho ausente.

É enganosa, portanto, a comicidade das cenas de "Pessoas perfeitas" (e de todas as peças anteriores que o grupo produziu); o cômico é quase traiçoeiro: num salto, do clichê à singularidade, caímos em desgraça. Pior: tudo nos seduz no espetáculo – e, quanto mais nos encantamos, mais dramático, logo adiante, será nosso tombo! É fundo ali, onde julgávamos raso, esse é nosso engano que a peça denuncia…

"Pessoas perfeitas" é um grande acerto, como há tempos não se via, também por outras razões: a maquiagem dos atores, impressionante, remete à plasticidade de Bob Wilson. Da máscara à expressão humana. Outra vez! Do clichê ao poético!

O texto (de Ivam Cabral e Rodolfo García Vázquez) é primoroso, com passagens dramaturgicamente fantásticas. Rodolfo García Vázquez é um encenador em cujos trabalhos – já é tradição – a luz tem força poderosa e dialoga em pé de igualdade com as outras linguagens. Aqui não foi exceção: junto com Flávio Duarte, a iluminação é, simultaneamente, discreta e extraordinária.

E, nesse espetáculo, a direção de elenco, em particular, resultou tremenda: os atores estão "perfeitos" – todos, em conjunto – e parecem alimentar-se do vigor uns dos outros…

Muito resumidamente, além de Marta Baião: Julia Bobrow (Medalha) compõe uma Poliana caipira e mística, sustentando uma mistura de ingenuidade e otimismo descabido, no diapasão de uma inocência



quase débil; Henrique Mello (Binho), na maturidade de ator, é senhor absoluto de suas cenas – e mesmo quando grita, não descarrila (não são muitos os atores a quem os deuses dão essa permissão!); Fábio Penna, imenso como poeta decadente e maldito, tem momentos especialmente tocantes (veja um deles adiante); Adriana Capparelli, desenganada, opera no limite, e fumando e cantando (e como canta bem; e como fuma bem!), joga-nos num cabaret esfumaçado de desesperanças; Eduardo Chagas é inacreditável no papel de um marido hesitante (Robalo). Através da fragilidade desse homem frouxo que o ator constrói, assistimos a uma aula de atuação – de como brilhar tanto, encarnando um personagem tão inexpressivo; as violoncelistas (Alessandra Giovannoli e Rebeca Friedmann) são vultos mudos capazes de, através das cordas, falar outras línguas, numa genial metáfora do Alzheimer; finalmente, Ivam Cabral, sem vaidade, como tem de ser no palco, quase monstruoso, retorce o rosto (os rostos) e injeta traços de infantilismo em seu personagem (Ruy). Somando isso a uma feminilidade frágil, desdobra-o em Sarah. Desse modo, num caleidoscópio de vozes, mostra porque Guzik o considerava "ator de rara ousadia" que "se atira na criação sem rede de proteção" [sic].

O espetáculo nos conduz até algo como um destino trágico, inescapável, escondido por um mantra de repetições banais, detectadas na língua, que o faro da trupe revela e tira dali, pra fazer brotar verdade. Fazer brotar humanidade!

Tanto aqui, quanto noutros trabalhos, os Satyros constroem algumas passagens de rara beleza. Sublinho, a seguir, duas dessas passagens; a primeira delas de "Pessoas perfeitas", a segunda de "Cabaret Stravaganza", outro grande espetáculo recente do grupo.

**III** – Presença de um ausente! Heranças imateriais…

Há heranças que os vivos retêm no corpo! São abstratas! Mas transpiram pelos poros daqueles que permanecem vivos… São vozes

que foram incorporadas e digeridas, quando nos nutrimos daqueles que amamos e que partiram antes de nós. Assim Eles sobrevivem: nos nossos discursos; nas nossas obras. Sinal de que seguimos nos alimentando deles. Donde:

Perto do final da peça ("Pessoas perfeitas"), num fragmento de alta potência, espécie de *ave maria cheia de graça* profana, pela boca de Fábio Penna, ouvi a voz de Alberto Guzik, vivo de novo e enorme. Senão, vejamos:

"*Na mesa em que me sento está o meu melhor amigo, eu mesmo. Algumas outras pessoas embotadas se sentam nas mesas ao lado e desviam o olhar para um horizonte vago e cinza. Uma mulher mais velha e elegante passa com seu cachorrinho e eu me vejo neles. Um casal jovem de mãos dadas passa e eu me vejo neles. O carrão para do outro lado da rua e a puta sai com um sorriso de bom rendimento, e eu me vejo nela. Um maltrapilho aleijado passa, todo sujo e rasgado, pedindo algum dinheiro ou alguma clemência, e eu me vejo nele. Todos esperamos as paredes do tempo nos engolirem*".

A reiteração do "eu me vejo nele", que Penna repete, embalada pela música que ouvimos, são estocadas no fígado.

Algo semelhante ocorreu em "Cabaret Stravaganza". Com muita nitidez, no momento final da peça, ouvíamos o melhor Guzik saindo inteiro da boca de Ivam Cabral, dando o ar de sua graça. Assim:

"*Um dia, vou deitar e esquecer que há começos e fins... Como tantos antes se deitaram antes de mim e tantos vão se deitar depois... deito e se acaba a aventura de tentar encontrar a resposta da questão invisível*".

Na peça (de 2011), esse verso também é repetido várias vezes. A repetição da beleza triste aí contida lembra uma sinfonia de Mahler e nos diz alguma coisa quase insuportável...



Essas duas passagens sublinhadas são dramaturgia. Não se pretendem literatura – mas não ficam nada a dever a ela. E, como é próprio da poesia, ressuscitam uma voz ausente...

**IV** – Arte e cidade!

Em "Pessoas perfeitas", em suma, o grupo reconfirma o porquê faz justiça à Salva de Prata, a grande comenda, que recebeu recentemente, na Câmara Municipal da Cidade de São Paulo. Celebrando os 25 anos de existência, com uma exuberante passagem pelo coração da cidade, onde eles – como um furacão – deixam sua marca, cratera de vulcão: ali não restou pedra sobre pedra! As imagens cataclísmicas, de desastres naturais, presentes neste texto (vulcão, terremoto, furacão), não são descabidas: a Praça Roosevelt veio literalmente abaixo! Senão antes, pelo contrário: a intervenção das artes na cidade, por mérito do grupo, fez o milagre da recuperação dessa área, tão degradada até anteontem! Milagre da multiplicação dos peixes!

Recoloca-se aqui a interrogação do início do texto: a arte cura a cidade?!

**V** – Sobre próteses... Quatro palpites que eu arrisco:

**1** – O clichê talvez seja a nova prótese do século XXI. Uma prótese linguística, não eletroeletrônica – porém, mesmo sendo não palpável, "imaterial" por assim dizer, indica muito da nossa gente e da personalidade de um falante. Até mesmo de um país.

**2** – Por essas e outras – porque o clichê é também uma prótese – penso que os Satyros seguem pesquisando os mesmos temas e obtendo fantásticos resultados. "Pessoas perfeitas" é sequência das investigações presentes, por exemplo, em "Hipóteses para o amor e a verdade" (2010). Mas, no trabalho atual, as próteses se desmaterializaram, transformando-se em verbo.

**3 –** Considero o Teatro Expandido dos Satyros um caso específico do Teatro Veloz. Que consiste, conforme aprendi, em responder rapidamente aos movimentos que o nosso tempo produz e escutar para onde sopram os ventos (qual é a *juventude que essa brisa canta*?!). Consiste, noutros termos, em dar forma a forças que muitas vezes ainda não têm contorno – fazê-las caber numa equação, que as artes do palco são hábeis em inventar.

**4 –** Se desenhássemos um gráfico, a poesia estaria situada no extremo oposto do clichê, muito embora frequentemente o utilize para fazer seu salto épico. "Pessoas perfeitas" se levanta a cada sessão no palco do teatro da Praça Roosevelt – como num grande salto. Os Satyros são sustentáveis em mais de um sentido: muitas vezes reutilizam o clichê para tocar a poesia. E, assim procedendo, em suas pesquisas, desafiam as bengalas da humanidade.

**VI –** para finalizar, importante dizer que:

**1 –** o elenco de "Pessoas perfeitas" é parte do grande *staff* dos Satyros – outros espetáculos estão e estiveram em cartaz; e outros atores de talento fazem parte do grupo (ou passaram por ele) apesar de não incluídos neste trabalho específico. Minhas palavras se dirigem a eles também.

**2 –** lá em casa, somos materialistas dialéticos! Não sei o que isto significa, mas passamos ao largo de esoterismos. O *além* nunca nos seduziu.

Certamente muitas vozes estão presentes nos espetáculos dos Satyros, numa saudável (inevitável) devoração canibalística. A presença do próprio Guzik provavelmente já se insinuava em outros trabalhos. Entretanto, eu nunca havia notado, a não ser nos dois casos pontuais que mencionei aqui. E essa voz soou com tanta força, que não pude deixar de apontá-la.

**VII –** Longa vida aos Satyros! Mais vinte e cinco, mais vinte e cinco, mais vinte e cinco!



# Peça mostra humanidade concreta mas fora do realismo documental [5]

**Jefferson Del Rios** [6]

*Dirigido por Rodolfo Garcia Vázquez, 'Pessoas Perfeitas' já pode ser colocada como uma das melhores peças do ano*

Pessoas Perfeitas traz para a caixa negra da sala de representação gente em forma de marionetes. Estes seres parecem máscaras agressivas do carnaval veneziano ou pessoas descarnadas da pintura de Lucian Freud. São resultado da imaginação e talento plástico de Rodolfo Garcia Vázquez. O encenador transfigura o kitsch em expressão teatral carregada de dor e cinismo ao retratar os transgressores da noite, os alucinados e doentes do espírito.

No cinema, há exemplos célebres desde M- O Vampiro de Düsseldorf, de Fritz Lang, com Peter Lorre (1931) à Repulsa ao Sexo, de Roman Polanski, com Catherine Deneuve (1965) ou a provocação e medo estampados no rosto branco de Joel Grey em Cabaret, de Bob Fosse (1972). A lista é extensa. Está sub- humanidade reúne negociantes do sexo, artistas frustrados, foras da lei, mulheres no limite do desespero. Uma legião sem família, dinheiro ou futuro. Desajustados longe dos seus parentes e engolidos pelas metrópoles. O Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa da Policia Civil de São Paulo registra que esses desaparecimentos nos desvãos do asfalto ocorrem por uma série de fatores, entre eles a quebra de vínculo familiar, crimes ou drogas.

5 Crítica do espetáculo "Pessoas Perfeitas", publicada no Caderno 2, jornal O Estado de S. Paulo, em 21 de setembro de 2014.

6 Jefferson Del Rios é jornalista e crítico de teatro

Nada de novo. A música Conceição, sucesso de Cauby Peixoto, foi composta por Jair Amorim em 1956, há quase 60 anos, portanto. Narra a vida da moça achando que "descendo a cidade iria subir/ Se subiu ninguém sabe, ninguém viu/ Pois hoje seu nome mudou/ E estranhos caminhos pisou". O grupo Os Satyros tem interesse por estes náufragos. Em dado momento, porém, os espetáculos privilegiaram a contramão sexual dos travestis, transexuais, como se a heterossexualidade não estivesse em questão.

O risco do gueto temático ainda está latente no repertório, mas desta vez Rodolfo Garcia Vázquez abre o leque de sonhos, vícios, visões e desastres existenciais no texto em parceria com Ivam Cabral, um dos fundadores e ator chave dos Satyros. Pessoas Perfeitas é um título com evidente sentido duplo: nome de uma seita "oriental-evangélica" e referências ora trágicas ora risíveis a seres nada perfeitos.

No caos urbano surgem a mocinha interiorana e mística que se envolve com um garoto de programa endurecido nas periferias; o casal sem diálogo, ele amorfo, ela sem permanente histeria; o solteirão que cuida da mãe com Alzheimer e sublima a homossexualidade em linhas de disque amizade; a cantora de bar que não aconteceu e está gravemente doente; o escritor sem obra no protesto vazio dos alcoólatras.

Pode parecer excessivo mas o texto de Ivam Cabral e Rodolfo Garcia Vázquez é baseado na observação de moradores do centro paulistano e em entrevistas realizadas. É o breve instante "extra-pós ou pansexual" (vamos inventar um nome) de Os Satyros. Mesmo assim, o enredo abre pouco espaço ao aposentado solitário, o desempregado idoso, à viúva esquecida.

Os pobres diabos sem graça são realmente difíceis de dramatizar e deles Chico Buarque se ocupou no verso "A dor da gente não sai no jornal".



A força do espetáculo está em apresentar uma humanidade concreta e, no entanto, fora do realismo artístico- documental. Tudo é verdade mas em termos de fantasmagoria, gestos de marionetes e maquiagem do imaginário japonês ou hindu. Os perturbados às vezes ostentam mesmo aparência coerente com seu estado mental (Robert de Niro tatuado e com o cabelo moicano em Taxi Driver). Flutuam em um clima onírico ou de pesadelo de cores gritantes que Vázquez sabe construir com maestria e o elenco adere em interpretações de entrega total ao escuro da existência.

Neste ambiente de vivos com aspectos irreais (o que lembra o teatro do polonês Tadeusz Kantor em A Classe Morta e parte do cinema de Bergman) há solos brilhantes de Ivam Cabral, da carismática cantora e atriz Adriana Capparelli e de Eduardo Chagas (o homem apagado) e Henrique Mello (o gigolô sem afetos).

A pouca nitidez de outros personagens, os exageros verbais ou os agudos de vozes dificultam o pleno efeito das atuações de Marta Baião (a mãe caricata), Julia (a espiritualista desorientada) e Fabio Penna (o poeta "maldito"), mas são presenças que se destacam em algumas sequências. Ao fim deste turbilhão de imagens e dores – falta enxugar e amarrar o final que se prolonga e confunde o público – o resultado é desde agora um dos melhores espetáculos do ano.

O espetáculo "Pessoas Perfeitas", texto teatral em ato único e 22 quadros, de Ivam Cabral e Rodolfo García Vázquez, estreou no dia 15 de agosto de 2014, no Espaço dos Satyros Um, em São Paulo/SP, e contou com a seguinte ficha técnica:

Elenco:
Ivam Cabral ..... Ruy/Sarah/Dona Esperança
Fábio Penna ..... Elder
Henrique Mello ..... Binho
Julia Bobrow ..... Medalha
Eduardo Chagas ..... Robalo
Marta Baião ..... Cacilda
Adriana Capparelli ..... Maristela
e a participação das violoncelistas: Alessandra Giovannoli e Rebeca Friedmann .

Direção: Rodolfo García Vázquez
Iluminação: Flavio Duarte e Rodolfo García Vázquez
Cenografia: Marcelo Maffei
Figurinos: Sonia Ushiyama
Trilha sonora e programação visual: Henrique Mello
Assessoria de Imprensa: Robson Catalunha
Fotografias: André Stéfano
Elaboração de projeto: Daniela Machado
Produção executiva: Carina Moutinho
Realização: Cia. de Teatro Os Satyros



**Fortuna Crítica:**

"Amei. A mistura de vidas que se cruzam na noite me tocou fundo."
Contardo Calligaris, psicanalista, agosto de 2014

"'Pessoas Perfeitas' é uma peça contundente, forte, obrigatória para quem ama o teatro. A maturidade dos Satyros, grupo teatral responsável pela maior renovação do teatro paulista. Elenco perfeito, bem orquestrado por uma direção inventiva, que revela o que há de mais atual no Teatro: realismo ampliado que, evitando o fácil psicologismo, torna cada personagem a cara da angústia da cidade de São Paulo."
Lauro César Muniz, dramaturgo, agosto de 2014

"Há muito tempo não via um trabalho de ator tão bom. Todos Os Satyros dão um banho de interpretação no palco. E elenco assim, excelente e homogêneo, é coisa rara de se conseguir."
Ricardo Hofstetter, dramaturgo, agosto de 2014

"Obra-prima dos Satyros: 'Pessoas Perfeitas', imperdível!"
Evaristo Martins de Azevedo, crítico e pesquisador, agosto de 2014

"Que peça linda (...) Incrível."
Thiago Dottori, dramaturgo e roteirista, agosto de 2014

"Mais uma vez Os Satyros no que eles fazem de melhor. Um consistente trabalho de composição de figuras, sustentado por um elenco afinado."
Silvana Garcia, diretora, pesquisadora e dramaturga, agosto de 2014

"A boa nova é o acabamento primoroso do texto, assim como o de todos os elementos da encenação (atuações, direção, iluminação, figurinos, cenário, maquilagem, inserção da música como elemento cênico etc.), que coloca 'Pessoas Perfeitas' num patamar geográfico universal."
Michel Fernandes, crítico e jornalista, agosto de 2014

"Personagens gostosos demais, histórias lúdicas e lindas, maquiagem e figurinos marcantes e relações que emocionam."

Fabiana Seragusa, jornalista, setembro de 2014

"Pessoas Perfeitas' já pode ser colocada como uma das melhores peças do ano."

Jefferson Del Rios, O Estado de S. Paulo, setembro de 2014

"Os Satyros de volta ao que fazem como nenhuma outra companhia: retratos tocantes e reveladores dos personagens tragicômicos do centro de São Paulo."

Nelson de Sá, Folha Online, setembro de 2014

"Pessoas Perfeitas' não é romântico e também não é só drama. É simplesmente real, e de tão real parece ficção. É montado em cima de um bom texto, boa história e coroado com boas atuações."

Kyra Piscitelli, Aplauso Brasil, setembro de 2014

"O Satyros, mais uma vez, tem o mérito de mostrar a força poética dos párias da sociedade, trazem a invisibilidade para a luz; ela vem à tona com o lirismo e a violência que lhe são devidos. Este é um trabalho que o grupo teatral vem se especializando ao longo dos anos e em outras produções."

Bruna Ferreira, R7, setembro de 2014

"É tocante a maneira como Ivam Cabral e Rodolfo García Vázquez retratam esses seres tão frágeis e tão humanos, inspirados em histórias de moradores do centro da cidade."

José Cetra, Palco Paulistano, setembro de 2014



# Pessoas Perfeitas

**Dramatis Personae:**

Ruy que, às vezes, é Sarah
Sarah que, às vezes, é Ruy
Dona Esperança
Robalo
Cacilda
Maristela
Elder
Binho
Medalha

**Cenas:**

1 – Epílogo
2 – Medalha se apresenta
3 – O questionário
4 – Numa lan house do centro
5 – Walt Whitman
6 – Um jantar
7 – Cantoras de bar nunca se tornam estrelas de verdade
8 – Não existem pessoas perfeitas
9 – Sarah e Robalo se falam pela primeira vez
10 – O encontro que nunca existiu
11 – Eu só preciso de um pouco de carinho
12 – O Vestido de casamento
13 – Como é que este lugar funciona
14 – Alguém para tomar conta de mim
15 – Mais um telefonema

16 – O Metrô ou a cena que não faz parte do espetáculo
17 – Os abraços que queimam
18 – Regando as plantas do amor
19 – Café dos desbotados
20 – Oração de desespero
21 – A dança do agradecimento cósmico
22 – Esperança grita pelas ruas



# Epílogo

UM ATOR

*Boa noite.*

*Nossa peça termina assim, com vocês na plateia e o vazio no palco. Pois foi assim que começamos o nosso processo.*

*Vazios.*

*Então, aos poucos, vieram lembranças, histórias que vivemos, vimos, ouvimos falar, sonhamos, rimos e tememos.*

*E foi de tudo isso que pensamos em mostrar essas histórias.*

*E, agora, no encontro delas com vocês, podemos dizer que acontecerá um fenômeno: o fenômeno do teatro.*

*Mais ou menos assim...*

*Às quatro da manhã,*
*Binho caminha pela rua do Arouche,*
*onde faz michê.*

*Enquanto no extremo da cidade,*
*sua mãe, Cacilda,*
*dorme com muitos cremes na cara.*

*Às quatro da manhã,*
*Robalo, marido de Cacilda, assiste a tevê.*
*E, nesse dia, resolve sair de mansinho da cama.*

*Perto das quatro horas da manhã,*
*dona Esperança está dormindo no banco traseiro do carro de Ruy,*
*que está vestido de Sarah,*
*trafegando pela Radial, com destino à Vila Matilde.*

*Enquanto,*
*num apartamento da rua Augusta,*
*Maristela, filha de dona Esperança, que dorme*
*no banco traseiro do carro de seu irmão, Ruy,*
*está morrendo.*

*Às quatro horas da manhã,*
*Maristela cambaleia até o elevador e depara-se com Elder que,*
*naquele instante, está saindo para comprar cigarros.*

*Às quatro horas da manhã daquele dia,*
*o* mundo está desabando *aqui, na terra.*

*Menos para Medalha*
*que dança ao som de uma música indiana*
*e está muito, muito feliz!*



## Medalha se apresenta

*Depois da meditação,*
*eu fiquei regando as plantas de casa.*
*Eu havia comprado várias na tarde anterior,*
*preciso de verde, preciso de conexão o tempo todo.*

# O questionário

RUY – Eu escolhi ser feliz com a senhora, sabia? É. Põe o bracinho aqui agora, estica, isso. E escolher ser feliz é um privilégio. Não é pra qualquer um. Quantas pessoas podem dizer de boca cheia que escolheram ser felizes? Eu posso. Agora o outro braço, estica, isso, estica. *Mais ou menos isso. Às vezes, ele carrega a dúvida se havia mesmo uma escolha. Tudo foi acontecendo muito rapidamente. Hoje ele poderia ser assistente da gerência lá no almoxarifado do Metrô. O chefe elogiava muito o desempenho dele. Teve várias promoções desde que entrou na empresa.* Eu tinha até esse sonho de comprar o apartamento onde eu morava, já tinha até visto um empréstimo, tava tudo certo, tinha entregue a documentação.... E ela tinha a vidinha tranquila dela... Tranquila e feliz. Então, um dia ela foi à padaria e... Esqueceu... Depois, o nome de um vizinho, uma boca de fogão acesa, a torneira do tanque aberta. E o esquecimento é perigoso, não é, mãezinha? Vamos pentear o cabelo agora? Ela precisou da minha ajuda e eu voltei pra casa dela. Acabei desistindo da minha vida. Depois, tive que sair do emprego também. Ela não podia ficar mais sozinha. De jeito nenhum eu ia deixar minha mãezinha num asilo. Tem gente que faz isso com os pais, mas eu não consigo. Mas sabe que eu tô achando que ela tá melhorando? É , ela voltou a lembrar das coisas. E todo dia eu faço um questionário com ela de manhãzinha, pra ela exercitar o cérebro, sabe? Pergunto as coisas pra ver se ela se lembra... Ela precisa treinar a memória... Vocês querem ver? Em que ano a senhora nasceu, mãezinha?

DONA ESPERANÇA – 1932.

RUY – Isso. 1932. Viram como ela se lembra?



*Pausa.*

RUY – E qual era o nome do seu marido?

DONA ESPERANÇA – Otoniel.

RUY – Isso, isso! E onde a senhora vive?

DONA ESPERANÇA – Em São Paulo.

RUY – Que bonito, mãezinha! Tá vendo como a senhora já está melhor? Deixa eu por os brincos agora. Qual prefere, o azul ou o dourado?

DONA ESPERANÇA – Dourado.

RUY – E quantos filhos a senhora tem?

DONA ESPERANÇA – Dois.

RUY – Não. Não, mãezinha. A senhora só tem um.

*Silêncio.*

RUY – Quantos filhos tem a mãezinha?

DONA ESPERANÇA – Dois.

RUY – Não, mãezinha. A senhora só tem o Ruy.

DONA ESPERANÇA – Vamos cortar o pinheiro, agora?

*Silêncio.*

RUY – Agora não, mãezinha. Amanhã. Amanhã a gente corta. *E todos os dias, pela manhã, ele pensa que gostaria de ter sido um rei, que ao perceber que tem que realizar sacrifícios pessoais para poder confortar seu povo, pode abdicar ou delegar a tarefa a alguém. Mas ele é de um tempo em que filhos não se viam como reis.* Vocês viram como ela está simpática? Agora vamos, está na hora do café da manhã, meu amor.



## Numa lan house do centro

BINHO – *Local: uma lan house de um chinês no Largo do Arouche. Cinco máquinas velhas. Eu ocupo uma e a mina aqui do lado, ocupa outra.*

MEDALHA – *O tempo dele acabou e ele decide comprar mais alguns minutos.*

BINHO – *O tempo dela não acabou mas ela decide comprar mais alguns minutos.*

MEDALHA – Oi.

BINHO – Oba.

MEDALHA – Desculpa, não queria incomodar. Eu não gosto de me intrometer na vida dos outros. Mas o site que você tava vendo é o da Igreja das Pessoas Perfeitas?

BINHO – Era, sim. Por quê?

MEDALHA – Ora, eu também estava nesse site. Achei tão interessante. Sabe, eu sou supercuriosa com coisas místicas. Eu busco sempre renovar a minha fé. "Deus ama a todos pois todos são, de alguma forma, a manifestação..."

BINHO – "...da sua perfeição." Decorei, já.

MEDALHA – Decorou, é? Ai. Eu achei o slogan deles o máximo. Parece ser um lugar bem bacana.

BINHO – Manero, mina. Mas já tô indo nessa.

MEDALHA – Você é daqui de São Paulo?

BINHO – Não. Sou gaúcho. Minha família inteira é de lá. Faço referência a palavra "era", porque sou órfão. Morreu todo mundo, não sobrou ninguém. Só eu. *Claro que ele nunca ia dizer que é da periferia de São Paulo, que nasceu na Zona Leste e é um típico paulistano. De tanto mentir sobre a sua origem, ele começou a acreditar que era órfão do Rio Grande do Sul mesmo.*

MEDALHA – Eu também não sou daqui. Acabei de chegar. *Ela também não pode dizer que veio do interior, que a única pessoa que ela tinha era a mãe que morreu, ou melhor, se suicidou, dias antes do aniversário da morte do pai. Ela não pode dizer que herdou um bom dinheiro da família mas que, proporcionalmente ao excesso de dinheiro, ela vive um excesso de abandono. Ela não pode dizer que fugiu da sua cidade natal porque viver consigo mesma se tornou insuportável.* Ainda fico meio confusa com esses prédios todos, esse trânsito doido, gente correndo pra cima e pra baixo, esse comércio que não fecha nunca, essas manifestações... Na verdade, acho os olhos das pessoas meio vazios. *Ainda não tenho intimidade para dizer pra ele que eu vim por um motivo maior.* Não conheço ninguém ainda.

BINHO – São Paulo é selva, mina. É luta. Esse lugar não é pra fraco. Sacou?

MEDALHA – Engraçado, nós dois de fora... Mais uma coincidência...

BINHO – Aqui tem muita gente de fora. Acho que todo mundo é de fora. Ninguém tem coragem de nascer aqui, não.

MEDALHA – Você é engraçado. Tem alguma coisa em você de especial.



BINHO – Tá me tirando? Eu sou normal. Sou um cara normal, véio.

MEDALHA – Não é normal, não. Você tem uma aura, sei lá. Prazer, meu nome é Medalha.

BINHO – Bruno. *Mas eu me chamo Binho, diminutivo de Robson. Escolhi esse nome porque nem Robson, nem Binho é bom pra michê. Binho remete a uma coisa diminutiva. Ninguém nunca vai ver um Binho num site de garotos de programa. Mas Bruno tem pegada, ajuda muito. Na Internet, os clientes têm preguiça de ver todos os perfis até o fim. Vão logo pegando o primeiro que encontram. Por isso sou Bruno Alves, lá no topo. E nessa, eu levo vantagem.*

MEDALHA – Bruno... Nome forte. Tenho certeza que você é Touro. Touro com ascendente em Gêmeos.

BINHO – Errou. Sou Sagitário.

MEDALHA – Sabia. Sabia que você era Sagitário. Por um momento, eu achei que você era de Touro, mas tá na cara que você é Sagitário. Mais uma coincidência. Eu e você de Sagitário... Você conhece a igreja?

BINHO – Não. Tava anotando o endereço. Tô pensando em ir lá uma hora dessas. Quero ver se consigo voltar a acreditar no Poder Superior.

MEDALHA – Vai ter culto hoje.

BINHO – Vai. Daqui a pouco, sete horas.

MEDALHA – Eu não conheço São Paulo ainda. É tudo tão confuso, Bruno. Essas ruas cheias de prédios, carro pra todos os lados...

Parece um formigueiro. Será que eu posso ir com você? Se você não se incomodar, é claro...

BINHO – É claro.

MEDALHA – É longe?

BINHO – Tudo aqui é longe. Tem que pegar metrô e ônibus. Temos que sair na correria. Se não, não vai dar tempo, véio.

*Silêncio.*

MEDALHA – Eu posso pagar o táxi. Se você não se importar.

BINHO – Claro que não me importo. Vamos nessa.





ELDER

*Todas as verdades*
*esperam em todas as coisas:*
*não se apressam nem*
*resistem a nascer,*
*não precisam do fórceps do cirurgião,*
*e para mim a mais insignificante*
*é grande como qualquer outra.*
*(O que é maior ou menor*
*do que um toque?)*

*Lógica e sermões nunca convencem*
*o peso da noite cala mais*
*fundo em minha alma.*

*(Só o que prova a si mesmo*
*a qualquer homem ou mulher,*
é;
*só o que ninguém nega,*
é.)

*Um minuto e uma gota de mim*
*tranquilizam o meu cérebro:*
*eu acredito que torrões de barro*
*podem se tornar amantes e abajures,*
*e um manual de manuais é a carne*
*de um homem ou mulher,*

*e num ápice e uma flor*
*contem o sentimento de um pelo outro,*
*e vão ramificar-se sem limites*
*até que essa lição venha a ser de todos,*
*e um e todos possam nos encantar*
*e nós a eles.* [7]

Filho da puta desse Walt Whitman.
Se eu fosse morrer de inveja
por alguém saber escolher tão bem as palavras,
eu morreria agora, já, nesse minuto.

Se um poema meu chegasse aos pés desse, eu morria feliz.
Enquanto isso, eu fico aqui,
no lugar que conheço muito bem
e onde fico bem à vontade: o inferno.

E vou enfiando a cara no pó e no uísque
e na primeira buceta que aparecer pela frente.

Cidade imunda tem que ter um poeta imundo.
Eu tenho certeza disso.

O segredo da minha felicidade paulistana é justamente esse:
a minha solidão, a minha angústia, o meu medo.
É disso que é feito todo morador
dessa porra dessa cidade de merda.

Não é?
Quem vai negar?

7 "Todas as verdades esperam em todas as coisas", poema de Walt Whitman, do livro "Folhas de Relva", 1855.



*Ele entende que casamento e solidão são os dois lados da mesma moeda. A mulher dele, professora da USP, intelectual bem sucedida, sustenta os seus delírios e, sem ela, ele estava morto. Fato.*

Não consigo conviver com a mediocridade
dos que não vivem a poesia 24 horas por dia.
Gente assim só fala boçalidade,
só pensa num futuro de mesquinharia pequeno-burguesa.

*E você se acha o tal?*

Não sou o tal,
mas pelo menos tenho coragem de não ser tão pequeno.

*E tua coragem está na cocaína, é isso, então?*

Você não sabe de nada, seu merda.

*Merda é você!*

Sai daqui, não quero falar com você agora.
Eu escolho se os meus segredos
vão ser histórias de medo ou de heroísmo.

# Um Jantar

*Cacilda e Robalo jantando. Comendo muita carne.*

CACILDA – Tá bom?

ROBALO – Muito bom.

CACILDA – Não esquece de trazer cinco quilos de maminha lá do nosso açougue. Tô numa fase de fazer maminha com alho na frigideira, com uma pitada de sal. Valoriza o sabor da maminha, né, Robalo?

ROBALO – Sim.

CACILDA – Engraçado, Robalo, eu cismo com umas coisas e daí fico fazendo e fazendo. Já tem dois meses que só faço maminha. Mas é tanta receita, tanta receita.... Eu gosto de variar, você sabe, né, Robalo? Maminha no alho, maminha assada, maminha na cebola, maminha com alcaparra, hamburguer de maminha, maminha puxada na cachaça com rosti de mandioquinha, maminha ao molho madeira, escondidinho de maminha, maminha na cerveja escura, maminha na cerveja clara...

ROBALO – Eu já sei, Cacilda. Lembra que comi todos?

CACILDA – Credo, Robalo. Não sei por que você vive me cortando desse jeito.

ROBALO – Vamos só jantar, Cacilda? *Toda noite é igual, o Robalo fica assim, silencioso, olhar absorto. Buscando abstrair a conversa de sua mulher. Mas quase nunca ele consegue.*

*Silêncio.*

CACILDA – E dizem que maminha é uma carne boa pra dieta, sabia? Acho que vi em algum programa de tevê. Será que foi no programa da...



*Robalo olha para Cacilda, que se cala.*

CACILDA – Falei com a Suzana hoje, Robalo.

ROBALO – É?

CACILDA – Você tá querendo insinuar o que, Robalo? Que eu falo com ela todo dia? É? Pois eu falo mesmo. Ela é minha amiga. Parece que ela e o marido vão passar as férias na Europa. Eu adoraria passar as férias na Europa, Robalo. A gente devia se organizar também. Ela disse que eles vão pra Paris. Paris é linda, não é? Eu tenho até uns dois ou três vestidinhos que já estão cabendo em mim, iam super combinar com Paris. Agora que eu tô mais magrinha, acho que cabem. Sabe? Eu pensei que a gente devia se organizar e de repente ir com a Suzana e com o marido dela também. Nossa, eu ia adorar. E acho que a gente ia se divertir tanto. E a Suzana é ótima companhia pras compras. A Suzana é demais. *Mentira. Coitada da Suzana. A Suzana nem sonha em sair do Brasil. Ela, quando muito, pensa em ir até a Praia Grande passar o final de semana. Mas a Cacilda sempre tem que inventar uma história linda com a Suzana.* Imagina a quantidade de coisas que a gente ia poder comprar? Eu ia refazer meu guarda-roupa inteirinho. Cada coisa maravilhosa que eles tem por lá. Tá certo que metade vem da China, mas eu ia comprar em Paris. Paris. Ai, Robalo, que sonho!

ROBALO – Mas você não disse que o Robson Thadeu tá vindo visitar a gente? Que você falou com ele e ele disse que vinha visitar a gente este mês?

*Silêncio.*

CACILDA – Ah, é verdade. Ele disse mesmo. Mas acho que ia ser demais viajar pra Paris. Pena que o Robson Thadeu não deu a data que ele vem. Ele só disse que vinha. Que saudades desse menino. Eu não me aguento de tanta saudade, Robalo. *O filho Robson Thadeu saiu de casa há*

*três anos, dizendo que ia trabalhar no centro de São Paulo, que tinha arranjado um emprego bom e que queria ser independente. Nunca mais voltou pra casa.*

*Silêncio.*

ROBALO – *Na verdade, a Cacilda nunca mais falou com o Robson Thadeu. Ela liga todos os dias, um pouco depois do almoço, para o celular dele e deixa recados carinhosos e bastante extensos. Nos recados, ela conta o prato que preparou no almoço...*

CACILDA – Fiz maminha a quatro queijos, filho.

ROBALO – *...Conta da última conversa com a Suzana e de outros detalhes do cotidiano. E ele adquiriu o hábito de apagar os recados todos os dias. Isso, há três anos.*

CACILDA – Imagina se o Robson Thadeu chega quando a gente estiver fora. Ele não ia me perdoar nunca. Quer sobremesa?

ROBALO – Não.

CACILDA – Mas eu quero. Acho que eu vou pegar um pedacinho daquela torta de banana que eu preparei.

ROBALO
Mas você não disse que tá de dieta, Cacilda?

CACILDA – Ah, me deixa, Robalo. Hoje eu tô meio descontrolada. É só um pedacinho mesmo. E você não percebeu como eu tô mais magra? Olha só! Só tô precisando perder mais uns quilinhos e pronto... Eu tô gostosa, não tô, Robalo?

*Silêncio.*



## Cantoras de bar nunca se tornam estrelas de verdade

ATOR – *Eu posso pedir um favor pra vocês? Pra encerrar o ciclo de apresentação das personagens, nós vamos receber agora Maristela. Ela vai entrar em cena e dizer: "Meu nome é Maristela", e a gente gostaria que vocês respondessem: "Boa noite, Maristela". Pode ser? Mas Maristela vai repetir muitas vezes essa frase durante a peça. E a gente gostaria que, todas as vezes que ela dissesse "Meu nome é Maristela", vocês respondessem "Boa noite, Maristela". Na última cena da peça, todas as personagens vão se utilizar do mesmo recurso. E, se vocês derem boa noite pra elas, o jogo aqui vai ser muito especial.*

MARISTELA – Boa noite, meu nome é Maristela.

TODOS – Boa noite, Maristela.

MARISTELA – *Ela fuma... E muito. E sabe que vai morrer. De câncer de pulmão. Ela conta seus dias como um pastor conta suas ovelhas.* E durante mais de 20 anos eu venho alimentando esse hábito. Fumar, é um hábito. Amar quem não nos ama, é um hábito. Colecionar suas bitucas de cigarro jogadas, é um hábito. A auto-destruição é um hábito. E eu já não sei mais o que é viver, só sei manter o hábito. *Ela costumava sonhar em outros tempos. Isso foi há muitos anos.* Quando eu tinha uma voz, quando eu tinha outra voz. Quando eu era uma cantora de bar.

*Canta.*

Mas dizem que cantoras de bar nunca se tornam cantoras de verdade.

*Canta.*

*Nem sempre olhavam para Maristela enquanto ela cantava. Mas Maristela tinha certeza que seria famosa. Famosa como todas as cantoras talentosas merecem ser. E ela tinha certeza desse talento.*

*Canta.*

Mas o tempo foi passando e eu fui ficando nos bares. Nenhum produtor, nenhum convite, nenhuma gravação... Só uma vez, um jingle que um amigo me convidou a gravar para uma marca vagabunda de pasta de dente. *Se ela quisesse mesmo uma carreira, não teria feito o que fez. Ela só foi parar nos bares porque tinha medo de fazer sucesso.* Boa noite, meu nome é Maristela.

TODOS – Boa noite, Maristela.

MARISTELA – E hoje vou cantar pra vocês uma música linda, daquelas que ninguém esquece. De Nelson Cavaquinho e Amâncio Cardoso, "Luz Negra".

*Canta.*

Mas dizem que cantoras que começam em bar, terminam em bar, e nunca se tornam estrelas de verdade.



## Não existem pessoas perfeitas

MEDALHA – Nós chegamos na porta da Igreja das Pessoas Perfeitas. Tinha um monte de gente diferente na calçada, nunca tinha visto lá na minha cidade tanta gente esquisita assim. Eu agarrei no braço do Binho e ele sorriu pra mim. Foi nessa hora que a gente começou a namorar. Ele até encontrou uma amiga.

BINHO – Entrando no templo, fui trombar justo com quem? Tava lá, a Vanessa Wonder, a trava que trampa lá na Rego Freitas. Essa faz dinheiro! Também com aquela neca. Ela falou logo pra mim: *Então quer dizer que boy magia também frequenta a Igreja das Pessoas Perfeitas?* Eu disse que não, que era a primeira vez que eu ia. Então ela me disse na sequência: *Me apresenta a racha, bicha.* Eu falei: Sai pra lá, véio. O lance aqui é outro. Tem que respeitar o templo de Deus, ô caralho.

MEDALHA – Então a gente entrou, apinhado de gente falando, falando. Até que ficou tudo em silêncio quando o sacerdote subiu no altar. Ele tinha uma barba comprida e meio grisalha. Fez lá uma reverência e todo mundo repetiu o que ele disse.

SACERDOTE – Aloha!

TODOS – Aloha!

DEPOIMENTO 1 – Eu tava paradinha lá numa rua perto do Largo do Arouche. Ouvi então uma voz: *Levanta esse vestido, menina!* Eu fiquei com medo e não respondi. Enquanto eu estava lá, me tremendo inteirinha, a voz repetiu pela segunda vez: *Levanta esse vestido!*

Eu fiquei com medo e disse: Não levanto, eu não levanto, eu tô com medo. Então, pela terceira vez a voz foi incisiva: *Levanta esse vestido!* Quando eu olhei, assim, era um disco voador vindo na minha direção. Eu pensei: Estou salva! São os gigantes perfeitos que vieram me salvar! Mas daí, de dentro do disco voador saiu um anãozinho desse tamanhinho assim. Eu fiquei tão decepcionada. Mas logo em seguida ele tirou o pau pra fora e eu entendi tudo. O pau dele era desse tamanhão assim! Gigante! E tinha uma luzinha na ponta que piscava. Ah, eu não tive dúvida, chupei, dei, rebolei, fiz de tudo. Foi uma delícia.

SACERDOTE – Aloha?

TODOS – Aloha!

SACERDOTE – Que depoimento emocionante, obrigado, irmã! Mais algum depoimento, irmãos?

DEPOIMENTO 2 – Eu! Eu! Tava lá no bar do Zé. Fui no banheiro dar um mijão, daí uma voz apareceu dizendo: *Vai lá dar o teu depoimento na Igreja das Pessoas Perfeitas!* E eu vim. E eu queria dizer que eu tô muito emocionado de estar aqui com vocês. Eu queria dizer que eu amo todo mundo!

TODOS – Aloha!

DEPOIMENTO 2 – E eu queria aproveitar pra convidar todo mundo pra, depois da cerimônia, ir lá no bar do Zé comigo que eu pago uma rodada de cachaça pra todo mundo.

TODOS – Aloha!



SACERDOTE – Mais algum depoimento?

DEPOIMENTO 3 – Eu!

TODOS – Aloha!

DEPOIMENTO 3 – Era uma quarta-feira de manhã, e eu estava fazendo a feira e na barraca do pastel, eu vi se aproximar um homem gigante, com voz muito grossa. Perguntou, telepaticamente, se eu estava sozinha em casa naquele dia. Eu respondi que meu marido estava trabalhando. Então ele se ofereceu, telepaticamente, pra levar as minhas compras e fomos até em casa sem falar uma palavra. Daí, fui fazer um chá de ervas pra ele. Quando entrei na cozinha, ele me agarrou por trás, me jogou na pia e me penetrou, telepaticamente. Depois, ele foi embora sem dizer nada, nem telepaticamente, e eu fiquei grávida de gêmeos. Duas semanas depois, eles nasceram, enquanto eu dormia um sono profundo. Pareciam dois lagartinhos. Mas desapareceram na mesma hora em que nasceram. Três meses depois, esse homem me procurou, telepaticamente, e me contou que os filhotinhos estavam vivendo no Canadá. Meu marido nunca desconfiou de nada.

SACERDOTE – Aloha!

TODOS – Aloha!

SACERDOTE – Alguns de vocês sofrem. Eu sei. Pelo semblante, eu vejo solidão, medo, isolamento, desconfiança e dor. Saber que a morte é inevitável nos obriga a viver, assim, uma vida no terror. E é esse terror o que vocês chamaram de Deus durante toda a vida.

Vocês devem estar se perguntando todos os dias: existe um ser que possa me dizer para onde vou? Ou de onde venho? Ou porque sinto esse vazio em mim? Pois eu digo: eu tenho a resposta, pois tive a revelação. Saibam que todos nós, o tempo todo, estamos sendo abraçados, acariciados, envoltos pela força dos gigantes galáticos. Eu vi os gigantes perfeitos, aqueles que se jogaram no turbilhão do universo sideral e nunca pensaram que sofrer e gozar fossem coisas opostas e antinaturais. Eles nos criaram para viver aqui neste planeta, como suas sombras, seus clones, miniaturas terráqueas, e eles aceitam tudo de nós. Eles querem que vivamos plenamente através de todos os nossos poros a experiência de estar aqui, querem que nossa energia vital contamine tudo à nossa volta, de todas as mais belas formas. Mentalizem agora o desejo de vocês. E vibrem na perfeição desse desejo. Sim, nossos desejos são perfeitos, tanto quanto eles. Só as nossas realizações é que são falhas porque são humanas. Agora vamos todos respirar, fazer um minuto de silêncio e sintonizar com essa energia. Isso. Em um minuto, podemos sentir o espírito dos gigantes perfeitos nos inundando. E vamos perceber que não estamos sós neste universo. Nunca estaremos sós. Vamos lá. Um minuto de mentalização.

MEDALHA – Eu e o Binho ficamos lá mentalizando, mentalizando, mentalizando...

BINHO – E essa porra de mentalização me deu um sono do caralho. Mas tudo certo, era só um minuto mesmo... Aguentei de boa!

MEDALHA – Foi então que eu tive a minha epifania. Agora é só uma questão de tempo. E vai ser com ele.



## Sarah e Robalo se falam pela primeira vez

SARAH – Alô

ROBALO – Alô. Quem fala?

SARAH – Eu sou a Sarah. E você? Como é que você se chama?

ROBALO – Eu me chamo Nestor.

SARAH – Ah, Nestor, que lindo nome! *Ela costuma sempre achar bonito o nome do interlocutor. Sempre. É uma regra da Sarah. Pra ela, todos os nomes do mundo são lindos e especiais. Mas é também uma maneira eficiente que ela encontrou para iniciar uma conversa.* Eu me chamo Sarah.

ROBALO – Prazer.

SARAH – Você frequenta sempre essa linha?

ROBALO – Não, é a primeira vez.

SARAH – Que coincidência! É a minha primeira vez também.

ROBALO – Nem sei porque estou falando com você. Tenho uma vida pacata. Sou um cara bem tranquilo.

SARAH – Ah, Nestor, Nestor! Quem vê cara, não vê coração, não é? Atrás dessa tranquilidade toda deve haver um furacão, não é não, Nestor?

ROBALO – Se você diz...

SARAH – Faz o que da vida, querido?

ROBALO – Sou despachante. Eu nunca diria que sou açougueiro. *Ser açougueiro não é bom. E despachante, foi a primeira coisa que lhe veio à cabeça. Talvez porque ele tenha se lembrado de Nestor, o despachante que ele visitara naquele tarde.* E você, Sarah?

SARAH – Sou esteticista.... Você se sente sozinho, Nestor?

ROBALO – Eu? Eu acho que ... Acho que sim... Um pouco... Um pouco sozinho todo mundo é, não é verdade?

SARAH – Esse é o problema da contemporaneidade, não é? Também me sinto muito, muito, muito só. Tenho aqui minha mãezinha que precisa dos meus cuidados... Enfim... Mas costumo ser uma ótima companhia, sabia?

ROBALO – É?

SARAH – É. Cada um com seu talento, não é? Esse é o meu.

*Silêncio. Robalo começa a gaguejar.*

SARAH – Pode desabafar, Nestor!

ROBALO – Você mora onde?

SARAH – Eu sou do Rio, mas estou há muito tempo aqui em São Paulo. E você, onde você está?



ROBALO – Eu estou na Vila Matilde.

SARAH – Ah, não me diga! Estamos perto. Eu tô na Vila Formosa, ao lado do cemitério.

ROBALO – Verdade?

SARAH – É, perto, perto não é, né? Mas considerando a imensidão dessa cidade...

ROBALO – Pois é.

SARAH – Pois é.

ROBALO – Pois é.

SARAH – Vamos parar com essa história de "pois é" e vamos logo pros finalmente... Acho que a gente pode se conhecer uma hora dessas, bater um papo... Quem sabe algo mais? Você teria algum lugar pra me receber? Eu sou uma boa menina!

*Robalo desliga o telefone.*

SARAH – Alô? Nestor? Nestor? Ah, eu já estava me afeiçoando a você...

# O encontro que nunca existiu

MARISTELA – Às vezes, eu me encontro casualmente com ele. Ele me ignora. Ou finge. Eu finjo ignorar. Ele costuma fumar um último cigarro antes de entrar no prédio. O porteiro me disse, um dia, que a mulher dele detesta cigarro. Então é isso. Ele fuma sem saber quando vai poder fumar o próximo. E apaga a bituca no cinzeiro. Eu vou lá e cato com todo o cuidado a bituca que ele acabou de jogar. E guardo. Como já devo ter guardado milhares e milhares de bitucas de cigarro dele. Por isso, me considero uma colecionadora de bitucas de cigarro dele.

ELDER – Foi há tanto tempo. Nem me lembro mais direito. Acho que ela deve ter abandonado a carreira. Nunca mais a gente conversou. Foi uma história passageira.

MARISTELA – Dois anos durou. Acabou meio que do jeito que começou, com álcool e palavras idiotas. E no começo um certo ressentimento, quando a gente se encontrava, um cumprimento curto e seco. Alguns diálogos desencontrados. Com o tempo, as frases ficaram mais curtas. Mais curtas. Então, palavras sussurradas. Até que ele nunca mais falou comigo. Até que nos tornamos isso que somos hoje, dois desconhecidos. Mas eu continuei ligada naqueles dois anos. *Canta.* Me lembro dos beijos, dos dias que passávamos juntos,

ELDER – da bebida,

MARISTELA – ...dos sonhos de artistas.

ELDER – Das noites em claro,



MARISTELA – ...eu me lembro das promessas. Tantas promessas....

*Eles se aproximam e se beijam.*

MARISTELA – Você sabe que eu esperei por isso todos esses anos. De novo.

ELDER – Até poderia ter sido antes. Como senti tua falta.... Esther, Estela....

MARISTELA – Maristela, meu nome é Maristela.

TODOS – Boa noite, Maristela.

ELDER – Isso, Maristela... Eu tenho saudades de te ouvir cantar.

MARISTELA – Era isso o que eu queria ouvir ele dizendo. Porque era isso que ele gostava de dizer quando a gente passava o dia sem se ver. Mas ele nunca mais se aproximou e eu nunca mais vou esquecer.

ELDER – Às vezes, eu cruzo com ela no prédio e nem me lembro mais o nome dela, era Esther, Estela, será?

MARISTELA – Meu nome é Maristela.

TODOS – Boa noite, Maristela.

ELDER – Mas nem troco palavra porque ela parece esquisita. Como é esquisita, meu Deus! Alguma coisa ali não vai bem. Mas foi

coisa de moleque maluco que depois a gente se arrepende. Como fui me meter com ela?

MARISTELA – Eu sei que você sabe quem eu sou. Eu sei que você sabe o meu nome. Você se lembra de mim.... Eu sei que se lembra. *Canta.*Se eu pudesse um dia te contar tudo o que aconteceu desde aquela época. Se você pudesse me ouvir. Se você pudesse me ouvir.



## Eu só preciso de um pouco de carinho

RUY – *Uma vez por semana, depois da meia noite, ela marca um encontro, por telefone, com um homem, uma mulher ou um casal. Ela marca mas é ele que vai ao encontro. Mas antes de sair, cumpre um ritual. Se arruma, se enfeita, se olha no espelho, confere todos os detalhes e sonha com um encontro perfeito. Coloca algum tipo de sonífero no chá da mãe e faz com que ela durma. Em todas as suas andanças pelo centro da cidade, ele nunca deixou sua mãe sozinha em casa. Descobriu um remédio, Neozine, vendido em qualquer farmácia. Misturado ao chá, faz com que a pessoa durma serenamente. Então, ele ou ela carrega a mãe até o carro e a coloca no banco traseiro. E saem. Geralmente, ela marca o encontro em algum lugar público. Também nunca teve coragem se apresentar às suas vítimas. Fica ali, de dentro do carro observando, através do vidro fumê. Fica observando como um espião o seu potencial amante. E guarda na lembrança essa imagem. Às vezes, se masturba enquanto observa a pessoa que está à sua espera. Mas naquele dia, ele viu algo de especial naquele menino.*

SARAH – Como você é? Como você vai estar vestido?

BINHO – Eu tenho 1,70, 70 quilos, tenho cabelos castanhos claros e vou estar vestindo calça jeans e camiseta branca. Te espero na esquina. Eu sempre uso calça jeans e camiseta branca. É meu uniforme de trabalho. Na rua, você tem que ter uma marca, algo que te distingua. Como um sabonete tem que ter sua embalagem, ou o sabão em pó. É um produto como outro qualquer. Tem os boys drogados, os violentos, os top, os esportistas, os heteros, os perdidos. *Ele pensa que faz parte do grupo dos heteros, mas, na verdade, ele faz parte dos perdidos.* A coisa mais importante que aprendi na rua é que não existem pessoas perfeitas. Até alguém pode te dar algum conforto durante um certo

tempo. Se não for atrapalhar. Se tiver alguma vantagem futura ou presente. Ou de repente, pode até olhar para você com compaixão, enquanto cruza a rua com o vidro do seu carro levantado. Mas uma coisa é fato: não existem pessoas perfeitas. Acho que isso está claro. Não está?

SARAH – Quanto é o serviço?

BINHO – Setenta, sem gozar.

SARAH – E gozando?

BINHO – Daí é 100.

SARAH – Você é carinhoso? Eu queria alguém carinhoso. *Ela nem sabe por que perguntou isso. É bem provável que queira simplesmente sofrer, ser humilhada. E é possível que o boy seja carinhoso e cruel, ao mesmo tempo, na mesma frase.*

BINHO – Sei ser carinhoso também. Mas tudo depende de preço, né, mano? *A prostituição é uma forma de terapia. É fundamental para manter a saúde mental da população. Durante o dia, as putas e os michês são condenados e vivem na sombra. À noite, são procurados, adorados, se tornam seres iluminados. Eu dou pra eles a fantasia que esperam de mim. E eles me pagam por isso.* Com beijo, é 20 paus a mais.

SARAH – Eu tô morrendo de medo. Mas eu quero. Então, entra. Entra, logo. Eu nunca fiz isso antes.

BINHO – *Resolvi entrar. Mas olhei o banco de trás e lá tinha uma velha dormindo.* Não curto maluco. Maricona velha!



*Binho cospe na cara de Sarah.*

BINHO – Maricona doente, velha! Viado velho! *Saí na correria.*

RUY – *Depois do cuspe, Sarah imediatamente desapareceu.* Eu só queria conversar um pouco. Eu sou uma boa pessoa. Eu sei que eu sou uma boa pessoa. Eu só queria um pouco de carinho.

CACILDA – Fecha os olhos, Robalo!

ROBALO – O que foi, Cacilda?

CACILDA – Tô falando pra fechar os olhos, Robalo! Que homem chato, meu Deus!

ROBALO – Tá bom. Já fechei.

*Cacilda entra semi-vestida em um vestido de noiva.*

CACILDA – Pronto! Pode abrir!

ROBALO – O que é isso, mulher?

CACILDA – Esqueceu? Esqueceu, Robalo? É o vestido de noiva do nosso casamento!

ROBALO – Ah, é. É verdade. Onde você achou isso?

CACILDA – Robalo, olha que maravilha! Tá cabendo em mim. Já voltou a caber em mim, direitinho! Só falta um pouquinho.

ROBALO – É verdade. Só falta mesmo.... Um pouquinho.

CACILDA – Eu disse que a minha dieta tava dando certo. E a academia, os exercícios, o chá de luz, tudo o que eu tô fazendo... Tá aí a prova. Compensou. Ai, Robalo, eu tô tão feliz. Mas tão feliz. Isso é pra você ver como eu sou determinada. E você também tinha que ser, sabia? Dedicação, determinação, obstinação... Tudo isso pode fazer a nossa vida muito melhor...



ROBALO – É verdade, Cacilda! Mas onde você achou o vestido mesmo?

CACILDA – Pergunta pra Suzana! Vai lá, pergunta! Ela vive dizendo que queria ter metade da minha disciplina e determinação. Também, ela já nasceu magra, né? Ah, gente magra infeliz não tem ideia o sacrifício que a gente precisa fazer...

ROBALO – Cacilda, mas acho que está um pouco apertado ainda.... Não?

CACILDA – Você vive pra me contradizer, né, Robalo? Tua vida é me contrariar..Me esquece, homem! Me deixa em paz! Claro que cabe. Ah, e esse vestido... Lembra da cerimônia? Igreja cheia, um monte de criancinhas de pagens. Nossa cerimônia foi tão linda, mas tão linda, que até o pessoal do casamento anterior ficou pra ver o nosso. Igreja abarrotada. Todo mundo lá.

ROBALO – *Mentira. Mas não sou eu quem vai contradizer a Cacilda. Não tinha mais de 20 pessoas, a igreja tava vazia, vazia... E todo mundo era da minha família. A família dela boicotou o casamento porque ela já tava grávida. Eles achavam uma vergonha.*

CACILDA – E aquele padre, tão simpático, com aquela prece emocionante. Até eu, que sou durona, chorei.

ROBALO – *Mentira. Ele quase dormia enquanto celebrava a cerimônia. Aliás, a gente tem foto da minha tia Alice dormindo durante a prece.*

CACILDA – Ah, que coisa maravilhosa. São momentos assim que fazem a vida da gente ser tão especial, não é Robalo?

ROBALO – Verdade, Cacilda.

CACILDA – E eu jogando o buquê? Aquele buquê de margaridinhas do campo? Lembra das meninas loucas gritando pra pegar o buquê?

ROBALO – *Mentira. Todas as mulheres estavam fugindo do buquê. Diz que buquê de noiva grávida dá azar.*

CACILDA – *Mentira dele! Ele sabe muito bem que meu buquê dava sorte. Tanto é que foi a Suzana quem pegou. E seis meses depois, ela tava casada. E muito bem casada!* Isso sem falar na festa. Ai, que delícia.... Todos aqueles salgadinhos, os docinhos, o bolo de três pisos.... E a nossa viagem pra Poços de Caldas... Aquelas águas termais maravilhosas. Lembra que a gente ficava se bolinando nas águas termais, Robalo? Naquela época, você era mais potente, era todo cheio de safadeza... *Mentira. Ele nunca foi potente. Só a Cacilda sabe o esforço que fez naquelas águas termais pra fazer o Robalo se animar.* Mas você não entende nada de moda mesmo.





MEDALHA – Foi incrível.... Aliás, você é incrível. Eu sabia que tinha que ser com você, assim que te vi. Fiquei esperando um cara especial muito tempo, sabe? Acho que o sexo é a maior intimidade que uma alma pode ter com outra. Eu não queria fazer com qualquer um. Tinha que ser uma experiência cósmica.

BINHO – Tá insinuando que sou a tua primeira experiência sexual, mina?

MEDALHA – É.

BINHO – Tá me zoando? Mas a gente nem se conhece! Faz cinco dias que a gente se trombou.

MEDALHA – Pra uma pessoa sensitiva como eu, bastam cinco minutos. Na hora em que eu te vi na lan house, já correu uma coisa entre a gente. Você pode não ter percebido, mas eu senti na hora o click. Coisa de outras vidas... Karma, entende? Eu sei que a gente nasceu um pro outro. Olha a vibração que aconteceu agora mesmo.

BINHO – *Ele não foi capaz de dizer a verdade, que não foi capaz de perceber muito bem a diferença entre a transa com ela e com os outros tantos clientes que já levou para a cama. É difícil sentir algo quando se é um profissional calejado no sexo.* Fazia tanto tempo que eu não ficava deitado depois de transar. Geralmente, eu termino o serviço, levanto, dou uma lavada no pau e pulo fora.

MEDALHA – Considero isso um elogio.

*Silêncio.*

MEDALHA – Você está vendo a lua, ali?

BINHO – Nunca tinha percebido que daqui consigo ver a lua. Engraçado. Frequento esse hotelzinho aqui há nove meses e nunca tinha percebido isso. Daqui eu posso ver a lua!

MEDALHA – Eu costumava sentar na varanda da minha casa, com meu pai e minha mãe e olhar a lua à noite. No interior, a lua brilha mais forte. Ela fazia parte da minha vida. Depois que meu pai morreu...

BINHO – Você é orfã, também?

MEDALHA – Sou.

*Pequena pausa.*

MEDALHA – Eu e minha mãe continuamos a ver a lua juntas todas as noites, em homenagem a ele. Eu buscava sempre uma estrela que me lembrasse dele. Mas daí quando minha mãe morreu, eu desisti. *Na verdade, a mãe morreu de tristeza por achar que nunca mais fosse conseguir sorrir quando visse a lua.* Foi então que eu resolvi vir pra São Paulo. Até a lua já não fazia mais sentido. Sabe, às vezes, eu tenho a sensação de que um disco voador passou por aqui, e me jogou nesse planeta sem nenhum tipo de manual e ainda disse: Se vira! E de vez em quando, eles aparecem do nada de novo e dizem: Você ainda não entendeu como esse lugar funciona?



BINHO – O dia que você sacar como tudo isso funciona, me avisa, mina, que eu tô tentando entender também.

*Os dois se olham com cumplicidade.*

MEDALHA – Talvez com você eu consiga. *E eu comecei a amá-lo porque vi nos olhos dele o meu melhor.*

*Silêncio.*

BINHO – Posso te contar um segredo aí, mina? Meu nome não é Bruno. Eu não sou de Sagitário, nunca fui órfão, eu sou garoto de programa e acho que quero casar com você. Acho.

MEDALHA – Casar comigo? Que lindo! Obrigada por confiar em mim.

BINHO – Tô sem cigarro aí.

*Medalha dá o dinheiro a Binho. Mais dinheiro.*

MEDALHA – *Na noite seguinte, enquanto ele saía pra trabalhar, ela escreveu no diário confidente:* "Nós todos somos parte de uma coisa maior, e somos, todos juntos, parte dessa coisa maior." *E nem se preocupou em saber seu verdadeiro nome.*

# Alguém pra tomar conta de mim

MARISTELA – Alô.
Sim.
Eu sou daqui de São Paulo.
Meu nome é Maristela.

TODOS – Boa noite, Maristela.

MARISTELA – Eu gostaria de saber se ele ainda está disponível...
Isso, o de olhos verdes.
Ele é lindo, parece um amor.
Eu adoraria ficar com ele.
Eu preciso dele.
Trabalho, todos os dias, em uma casa noturna no centro, sou caixa.
Eu chego em casa às oito horas da manhã.
É que eu tenho que fechar o caixa da casa noturna.
Depois só acordo lá pelo final da tarde e saio pro trabalho.
É claro que eu posso ficar com ele.
Algumas horas eu posso ficar com ele.
Nunca tive mas posso aprender.

*Maristela pensa que a adoção seria a única forma de, talvez, ter alguém que pudesse cuidar dela. Mas não parece que queiram lhe entregar um cãozinho abandonado.*

Mas não posso nem mesmo tentar?
Me deixa tentar, por favor!
Eu imploro!



Eu posso!
Eu sei que posso!
Posso visitar ele pelo menos?
Ok.
Obrigada, de qualquer forma.

*Canta.*

## Mais um telefonema

SARAH – Alô.

ROBALO – Oi.

SARAH – Você frequenta essa linha sempre?

ROBALO – Não. Primeira vez.

SARAH – Coincidência. É minha primeira vez também.

ROBALO – Nem sei porque estou falando com você. Tenho uma vida pacata. Sou um cara bem tranquilo.

SARAH – Quem vê cara, não vê coração, sabia? Atrás dessa tranquilidade toda, deve haver um furacão, não é não?

ROBALO – Se você diz...

SARAH – Faz o que da vida, amor?

ROBALO – Sou despachante. E você?

SARAH – Sou esteticista.... E qual é o seu nome?

ROBALO – Nestor.

SARAH – Que lindo nome, Nestor!



ROBALO – Esteticista? Acho que eu tô reconhecendo a sua voz....

SARAH – Acho que você deve estar me confundindo.

ROBALO – Sarah? É você?

SARAH – Quem é que tá falando?

ROBALO – Nestor, o despachante, lembra?

SARAH – Nestor, o despachante da Vila Matilde? Meu Deus, quanto tempo, querido. Como vai a vida?

ROBALO – Tudo indo... Tudo tranquilo. A vidinha de sempre, sabe?

SARAH – Ai, Nestor, você tem que colocar alguma emoção na sua vida. Você sabe que eu pratico esportes radicais?

ROBALO – Verdade?

SARAH – Eu adoro montanhismo, ciclismo, arvorismo. Por que a gente não pratica juntos, uma hora dessas?

ROBALO – Como assim?

SARAH – Você tem algum lugar em que possa me receber?

ROBALO – Eu tenho que desligar agora... Mas a gente pode falar de novo amanhã?

SARAH – Claro, menino... Nesse mesmo horário?

ROBALO – Nesse mesmo horário.

SARAH – Nessa mesma bat-pista?

ROBALO – Nessa mesma bat-pista.

SARAH – Então até amanhã, querido. Vou sentir saudades suas...

ROBALO – Eu também. Até.

*Robalo manda beijinhos, estalando os lábios, desajeitadamente.*

ATOR QUE INTERPRETA SARAH – Então, a partir desse dia, eles tornaram-se cúmplices em suas fantasias. Foram telefonemas e telefonemas, até que, finalmente, Robalo cedeu aos encantos de Sarah. Marcaram um encontro no açougue de Robalo. Um encontro quente numa câmara fria. Um encontro único, que nós deixamos para a última cena da peça.



## No metrô ou a cena que não faz parte do espetáculo

ROBALO – *A cena que vocês vão assistir agora não faz parte do espetáculo. Eu poderia falar de mim, mas eu não sou interessante. Mas a Cacilda é especial. E se vocês quiserem conhecer um pouco melhor a minha mulher, a Cacilda, acho importante prestar atenção.*

CACILDA – Vamos de metrô fazer aquelas compras que eu te disse na 25 de março, Robalo?

ROBALO – *Naquele dia, ela me disse isso várias vezes. Não queria ir de carro, queria ir de metrô. Eu sempre achei isso estranho. Tentei ignorar. Cacilda não é mulher pra andar de metrô. Mas na verdade, ela estava esperando encontrar alguém.*

*Metrô chega. Robalo e Cacilda entram no vagão.*

CACILDA – A Suzana me disse que tem uma loja fantástica lá na 25. Fica logo na esquina da Ladeira Porto Geral. Eu preciso comprar esse tecido ainda hoje, senão a costureira não vai conseguir acabar o vestido pro casamento da filha da Suzana. E vai ser vermelho, porque a Suzana também vai usar vermelho e a gente combinou as duas de usar vermelho. Acho que vermelho dá um destaque lindo numa cerimônia de casamento. E vermelho combina com branco, não acha? E eu quero ver se ponho um decote imenso. Um decote até aqui. Não me olha com essa cara, Robalo, que você sabe que eu gosto de usar decote e pronto. A mulher tem que saber usar seus atributos, sabia? Eu sempre fui gostosa, não é agora que você vai me censurar. Que foi? Que foi, Robalo?

ROBALO – Eu não disse nada, Cacilda. Eu tô quieto.

CACILDA – E eu não te conheço, Robalo? Que cara é essa? Claro que eu vou usar o decote. E ainda vai ter uma cauda e uma cinturinha bem marcada... Já combinei tudo com a Suzana. *Mentira. A Suzana nunca falou nada de cinturinha ou cauda.*

*Chegam em uma estação. Entra um passageiro. É o filho deles, Robson Thadeu.*

CACILDA – Robson Thadeu? Meu filho?

BINHO – Oi.

*Outra estação. Robson Thadeu sai. Pausa longa.*

CACILDA – Talvez o ro... o rosa combine mais com a cor da minha pele. Você não acha, Robalo?

ROBALO – Você é quem sabe, Cacilda.





RUY – Nossa intimidade não era feita de palavras, mas de um pacto silencioso.... O pacto que guardava os segredos da nossa infância. Então, um dia ela simplesmente desapareceu. Faz muito tempo, nem me lembro quando foi e pra ser sincero, nem me lembro a razão. Tempo demais até. Durante esses anos todos, segui as regras da tradição familiar. Eliminei todas as lembranças dela, fui tirando uma a uma as fotos com o rosto dela até que ela não fizesse mais parte da nossa mobília. Em geral, famílias sabem apagar muito bem o que não combina com a decoração da casa. A mãezinha nem protestou, ao contrário, tinha um silêncio de aprovação. E durante todo esse tempo, eu sempre tive um sonho recorrente, que me assombrava muitas vezes. Um dia, ela ia aparecer no jardim de casa, um dia qualquer em que eu tivesse saído. Um dia em que a mãezinha estivesse no jardim da frente de casa.

MARISTELA – Eu vim me despedir, mãe.

DONA ESPERANÇA – Você é minha mãe?

MARISTELA – Não, eu sou Maristela, sua filha.

DONA ESPERANÇA – Ah, eu sou sua filha?

*Silêncio.*

DONA ESPERANÇA – Viu o pinheiro como está grande?

Silêncio.

MARISTELA – Só vim pra dizer adeus. Já nem me lembro mais direito de como era ser sua filha. Talvez tenha sido melhor do que eu pensei.

DONA ESPERANÇA – Ele é tão teimoso...

MARISTELA – Quem é teimoso?

DONA ESPERANÇA – Eu ainda tenho tanta coisa pra fazer hoje. Amanhã, com calma, a gente corta o pinheiro. Eu também tenho que encontrar o serrote.

MARISTELA – A senhora é quem sabe.

*Ruy entra.*

MARISTELA – Ruy, Ruy, sou eu, sua irmã.

RUY – Olá, Maristela, como vai?

MARISTELA – Bem. Ufa, ainda bem que você me reconheceu. Eu achava que você não fosse me reconhecer. Você está bem?

RUY – Claro.

MARISTELA – Tanto tempo e você continua igual. Eu só vim... Só vim para dizer adeus.

RUY – Adeus?

MARISTELA – Adeus, é.

RUY – Depois de tanto tempo, você volta pra dizer o que devia ter dito mil anos atrás?

MARISTELA – Mas desta vez é diferente. É um adeus de verdade. Eu vou me mudar. Pra muito longe. E eu tinha tanta saudade. Queria ver vocês antes de ir embora.



RUY – A gente sentiu a sua falta também. Claro que a gente sentiu. *E no sonho, às vezes, eu perguntava:* Eu posso te dar um abraço?

MARISTELA – Eu prefiro ir embora antes de qualquer coisa, ou talvez eu... Só precisasse saber se vocês vão cuidar do meu corpo. *Se a gente pudesse ensaiar mil vezes as nossas despedidas, talvez elas doessem menos.*

RUY – *Em outras ocasiões, eu sonhava:*

MARISTELA – Posso te pedir um abraço?

RUY – *Então me dava medo do abraço que ela ia me pedir. Um medo infantil. Em algumas famílias, os irmãos aprendem a se amar sem nunca se tocar, passam a vida a metros de distância um do outro como se quisessem evitar queimaduras. Alguns abraços queimam. Irmãos assim são os que mais sofrem nas despedidas. E no final do sonho, ela sempre cantava algo triste e antigo, algo que lembrava os discos que nossa mãe tocava quando a gente era criança...*

*Maristela canta enquanto sai.*

RUY – *Então ela ia embora como se nada tivesse acontecido, cantando como sempre fazia quando tinha medo.*

*Silêncio.*

DONA ESPERANÇA – Aquela que vai cantando ali é minha mãe?

RUY – Não, aquela que esta indo embora, ali, é Maristela, sua filha.

DONA ESPERANÇA – Ah, verdade, eu sou sua filha...

# Passagem de Medalha

*É a vida*
*É o tempo*
*É uma pedra*
*É uma pedra no caminho*



# Café dos desbotados

ELDER
*Eu me sento no café na esquina de casa todos os dias.*
*Ritual de poeta.*
*Lá pelas seis horas da tarde,*
*no horário em que as pessoas saem de seus trabalhos embotados.*
*Sento e peço um spresso com duas colheres de açúcar.*
*E fico lá, tomando o café o mais lentamente que posso*
*e observando seus passos ritmados na pressa,*
*seus ombros carregados de tarefas para o dia seguinte,*
*suas roupas anônimas.*
*Na mesa em que me sento*
*está o meu melhor amigo, eu mesmo.*
*Algumas outras pessoas embotadas*
*se sentam nas mesas ao lado*
*e desviam o olhar para um horizonte vago e cinza.*
*Uma mulher mais velha e elegante*
*passa com seu cachorrinho e eu me vejo neles.*
*Um casal jovem de mãos dadas passa e eu me vejo neles.*
*O carrão para do outro lado da rua*
*e a puta sai com um sorriso de bom rendimento,*
*e eu me vejo nela.*
*Um maltrapilho aleijado passa, todo sujo e rasgado,*
*pedindo algum dinheiro ou alguma clemência,*
*e eu me vejo nele.*
*Todos esperamos as paredes do tempo nos engolirem.*

CACILDA – *Desculpa, gente, essa cena não é dela mas ela me pediu só um minutinho. Ela fala bastante, às vezes, e nem sempre as pessoas ouvem o que ela tem a dizer. Mas hoje ela precisa falar.* Ando meio descontrolada,

sabe? É que eu tenho um segredo que não tenho coragem de contar pro Robalo. Mas acho que posso me abrir com vocês. E eu tô precisando desabafar. Adoro fazer pilates, certeza que é o pilates que tá deixando meu corpo mais definido, sabe? Então eu tô fazendo pilates três vezes por semana: segunda, quarta e sexta. Mas o Robalo não sabe que sexta-feira, eu não vou pra aula. Eu cabulo a aula. Toda sexta, eu e a Suzana vamos juntas até o centro, sentamos num café e ficamos vendo o movimento. Eu tenho certeza que o Binho trabalha por ali. Lugar de banco, cheio de gente com terno... O Binho deve ficar lindo num terno.

*Silêncio.*

CACILDA – Então, Suzana. Primeiro, a nossa selfie do dia. Chega mais perto aqui. Isso. Eu ia amar contar pra ele que eu tô fazendo Pilates. Certeza que ele trabalha por aqui. Ele já deve ter um cargo legal, é um menino que sempre se destacou, todo mundo sempre achou ele especial. Suzana, eu não sei onde eu encontro coragem todo dia pra levantar sem ter notícia desse menino. Eu não sei mais o que eu faço. Se não fosse a sua amizade, Suzana, acho que eu não ia aguentar tanto sofrimento, sabia? Obrigada, amiga. Vamos tirar mais uma selfie pela nossa amizade?

*Mais silêncio.*

CACILDA – Ele deve estar usando um terno assim, cinza, gravata azul, camisa branca. Ah, Robson Thadeu. Ele deve ficar lindo de terno, Suzana!

*Silêncio.*

ELDER – *E eu olho pra aquela mulher eloquente falando sozinha pra uma cadeira vazia do meu lado, e eu me vejo nela. Todos esperamos as paredes do tempo nos engolirem.*



# Oração de desespero

RUY
*Cantando*
Quando ainda cedinho
Vai o bosque clarear
Lá vai a camponesinha
Seus paseios de lindar
Lindos campos, lindas flores
Borboletas multicores
Coelhinhos tão mansinhos
E os vermelhos moranguinhos...

Dorme, dorme, meu amor...

*É mais ou menos assim as noites na casa de Ruy e Dona Esperança. Todas as noites, religiosamente, Ruy cantà cantigas e conta histórias para sua mãe dormir. E quando, enfim, Dona Esperança adormece, é hora de Ruy sussurrar sua oração de desespero.*

Ai, minha mãezinha, a gente pensa cada coisa esquisita. Hoje, enquanto a senhora descansava no jardim, depois do almoço, e enquanto eu lavava a louça... Pela janela da cozinha eu ficava olhando pra senhora, sentadinha no jardim. A água caindo na louça e eu vendo os seus cabelos brancos, sob o reflexo do sol. E eu pensei... Que quando você morrer, meu amor, eu vou chorar tanto, tanto... Mas não pela senhora. Eu vou chorar por mim. Por tudo o eu podia ter sido e não fui. E eu podia ter sido tanta coisa. Mas tive que ficar aqui, tomando conta da senhora. E agora, já não posso fazer mais nada. Lembrei,

também, daquele dia em que a senhora subiu no armário, lembra? E que a escada caiu? E que você ficou lá em cima chamando por mim? Naquele dia... Naquele dia eu pensei em derrubar a senhora de lá. Seria uma morte rápida. É que, eu também pensei, que ninguém merece passar os últimos dias tão humilhado.

*Depois desses desabafos e muitos outros, Ruy pode, enfim, viver sua vida social. É, afinal ele tem muitos amantes e amigos, todos imaginários.*

SARAH – Ele não tem amigo nenhum. Quem tem amigos, sou eu... Eu sou popular, eu tenho muitos amigos.

*Silêncio.*

RUY – Eu não sei se já aconteceu com você. Mas acho que não, claro que não. Mas você consegue imaginar o que é passar meses a fio sem que ninguém, absolutamente ninguém, pronuncie o seu nome? É, eu nunca consigo conversar com ninguém. Eu não sei como eu poderia caber no mundo.

SARAH – Não se preocupe. Eu sei.



# A dança do agradecimento cósmico

*Enquanto dança ao som de uma música esotérica, Medalha defia sua oração ao Ser Supremo.*

MEDALHA – Gratidão ao Universo todos os dias da minha vida.
Gratidão aos meus pais que já não estão mais neste plano,
pelos dias que tivemos juntos.
Gratidão a São Paulo e a tudo o que estou vivendo aqui.
Gratidão aos problemas que estou enfrentando
e que me fazem mais forte.
Gratidão por não ter mais problemas do que já tenho.
Gratidão pelo homem maravilhoso
que surgiu na minha vida essa semana.
Gratidão por tudo, Força Superior.
E me desculpe se, às vezes, me esqueço de ser grata.
Mas ando tão atarefada nesses últimos dias.
Me desculpe também se esqueci de ser grata
por mais alguma coisa hoje.

BINHO – *Chegando lá no quarto do hotel, me deparo com a figura lá, o cara judeu, árabe, sei lá o que ele era, daqueles lado lá da porra do Oriente Médio, tá ligado, sentado no meio da cama. Devia pesar 180 quilos e o cheiro dele era tão forte, tão forte que dava pra sentir do lado de fora do quarto.* Como vai ser dessa vez, senhor ....? *Porco*, ele me disse. *Porco. Eu quero que você me chame de porco.* Como vai ser dessa vez, seu porco do caralho? Eu perguntei. Silêncio. *E como se ele adivinhasse seus pensamentos, segurou com firmeza o pênis flácido do cliente e introduziu lentamente na uretra do cliente uma agulha de tricô número 12, que o próprio havia trazido.* Daí mano, ele mesmo

arrancou a merda da agulha e me pediu pra chupar o pau dele... *Daí, é 120....* Ele me pagou antecipado e eu completei o serviço. E ele gozou na minha boca. *Já chega, véio... vô nessa.* E eu fui encher a cara com a grana que ele me deu no primeiro boteco do Arouche que eu encontrei aberto.

MEDALHA – Entrego e recebo a energia do universo com o coração puro.



## Esperança grita pelas ruas

SARAH – Então ele criou coragem, perto das quatro horas da manhã, colocou a mãe dentro do carro novamente. Marcou no GPS. *E eu fui.*

ROBALO – Eu criei coragem e, um pouco antes das quatro da manhã, desci até o açougue. Só chequei se a Cacilda estava dormindo.

CACILDA – E eu comecei a sonhar que o Robson Thadeu tinha voltado e me contava lindas histórias.

BINHO – Saí bebendo muito. Muito.

MEDALHA.– Depois da meditação, eu fiquei regando as plantas de casa. Eu havia comprado várias na tarde anterior, preciso de verde, preciso de conexão o tempo todo. Eram quatro horas da manhã.

MARISTELA – Naquele dia eu soube que o mundo que rodava na minha cabeça eram as dores que rodopiavam na minha alma. O fim estava ali, girando, girando.

ELDER – Então eu sabia que não conseguiria dormir, tinha cheirado pra não dormir nunca mais. E então, às quatro da manhã, chamei o elevador, precisava comprar cigarros.

SARAH – *Então eu cheguei no endereço marcado. Era um açougue como ele havia me dito.* Olhei para o banco de trás e ela estava lá, a mãezinha, dormindo.

ROBALO – Entrei na câmara frigorífica e me escondi entre umas peças de carne. Tinha combinado assim, deixaria todas as portas abertas e, às quatro da manhã, esperaria por ela na câmara frigorífica. Mas, pra falar a verdade, eu estava arrependido.

CACILDA – Sonhei que ele já era gerente de banco, tinha um terno lindo, até me deu um cartão de visitas dele. Robson Thadeu, gerente júnior.

BINHO – Sabe que nessa hora me deu vontade de me esconder de mim mesmo. Eu tinha perdido a minha alma.

MEDALHA – Olhava no relógio da sala de cinco em cinco minutos e nada dele aparecer. E então eu regava mais e mais as plantas. Meditava pensando que ele estava chegando.

MARISTELA – Então, o elevador chegou. Eu quase não consigo abrir a porta. Tudo girava. E doía. Tudo.

ELDER – O elevador parou no meu andar e ela estava dentro.

MARISTELA – Olá, Elder. Você se lembra de mim? Meu nome é Maristela.

TODOS – Boa noite, Maristela.

SARAH – A porta do açougue estava sem tranca. A luz era difusa. *E eu entrei pela primeira vez na vida em uma câmara fria cheia de carnes penduradas e pingando sangue.*

ROBALO – Eu senti que mais alguém estava na câmara fria. Era ela. E eu disse como a gente tinha combinado: Meu nome é Nestor.



TODOS – Boa noite, Nestor.

SARAH – *Nestor, que lindo nome!,* ela respondeu. E foi entrando no lugar mais frio, com as carnes mais frias do mundo.

CACILDA – E então no sonho o Binho me apresenta a mulher dele, ela é linda, tem os cabelos loiros e é muito gentil. Eu digo: Meu nome é Cacilda.

TODOS – Boa noite, Cacilda.

BINHO – Eu fiquei tão chapado que nem sabia mais meu nome quando o cara me parou na esquina e perguntou meu nome. Bruno, Binho, Robson, Thadeu.... Porra, qual é meu nome? Eu não quero mais ter nome nenhum. Mas eu tinha que responder alguma coisa: Meu nome é Guilherme.

TODOS – Boa noite, Guilherme.

MEDALHA – Eu tava dançando e pensando que todas as noites ele chega em casa bêbado, dizendo que tem um nome qualquer. E eu consinto. Mas hoje eu vou dizer que nomes não têm importância, que eu sinto quem ele é. E que se nome é tão importante assim pra ele, eu também posso dizer o meu mil vezes: meu nome é Medalha.

TODOS – Boa noite, Medalha.

MARISTELA – Então eu ia desmaiando e ele chegou perto e me abraçou e me olhou com os olhos da forma que eu esperei tantos anos que aqueles olhos me olhassem. Eu pensei que podia morrer ali.

ELDER – Descemos do elevador e o porteiro me ajudou a pegar um taxi. Aquela mulher precisava ser socorrida, ela estava morrendo. Chegando no pronto socorro eu não sabia o que dizer. *Qual a sua relação com ela?* Não era parente, não era amigo, não era nada. Meu nome é Elder.

TODOS – Boa noite, Elder.

SARAH – *Então eu entrei na câmara frigorífica, na única porta à esquerda, como ele havia me ensinado. E lá estava ele, atrás de um monte de carne que se mexia freneticamente enquanto ele ia se masturbando.* E num movimento único, ele colocou a cara entre as peças de carne.

ROBALO – Não era a mulher que eu tinha falado.

SARAH – *Olá, Nestor, não precisa ter medo. Meu nome é Sarah.*

TODOS – Boa noite, Sarah.

ROBALO – Eu fiquei desesperado. Peguei a primeira coisa que encontrei. Era um gancho do açougue. Fechei os olhos e fiz um movimento.

SARAH – *E o gancho entrou no meu peito. Foi rasgando as minhas carnes que começaram a jorrar sangue enquanto eu ia morrendo, morrendo, morrendo...*

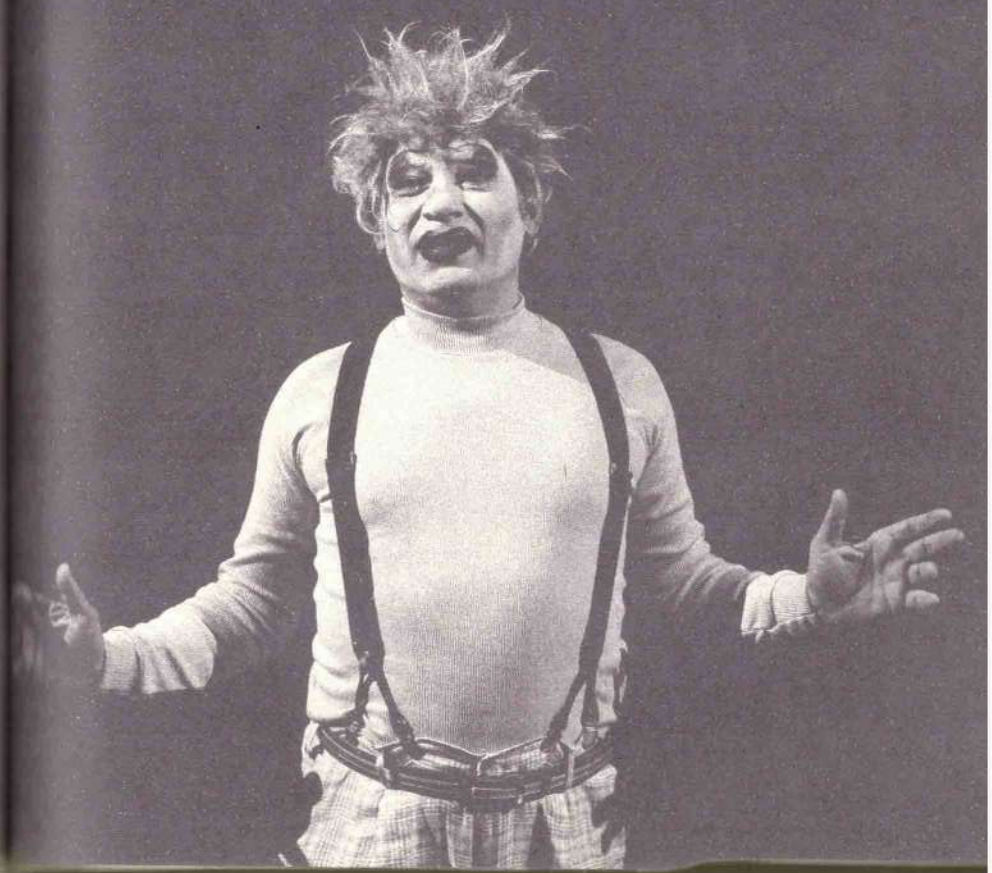
ELDER – Ela morreu, ali mesmo, na maca que sequer chegou a sair da corredor.

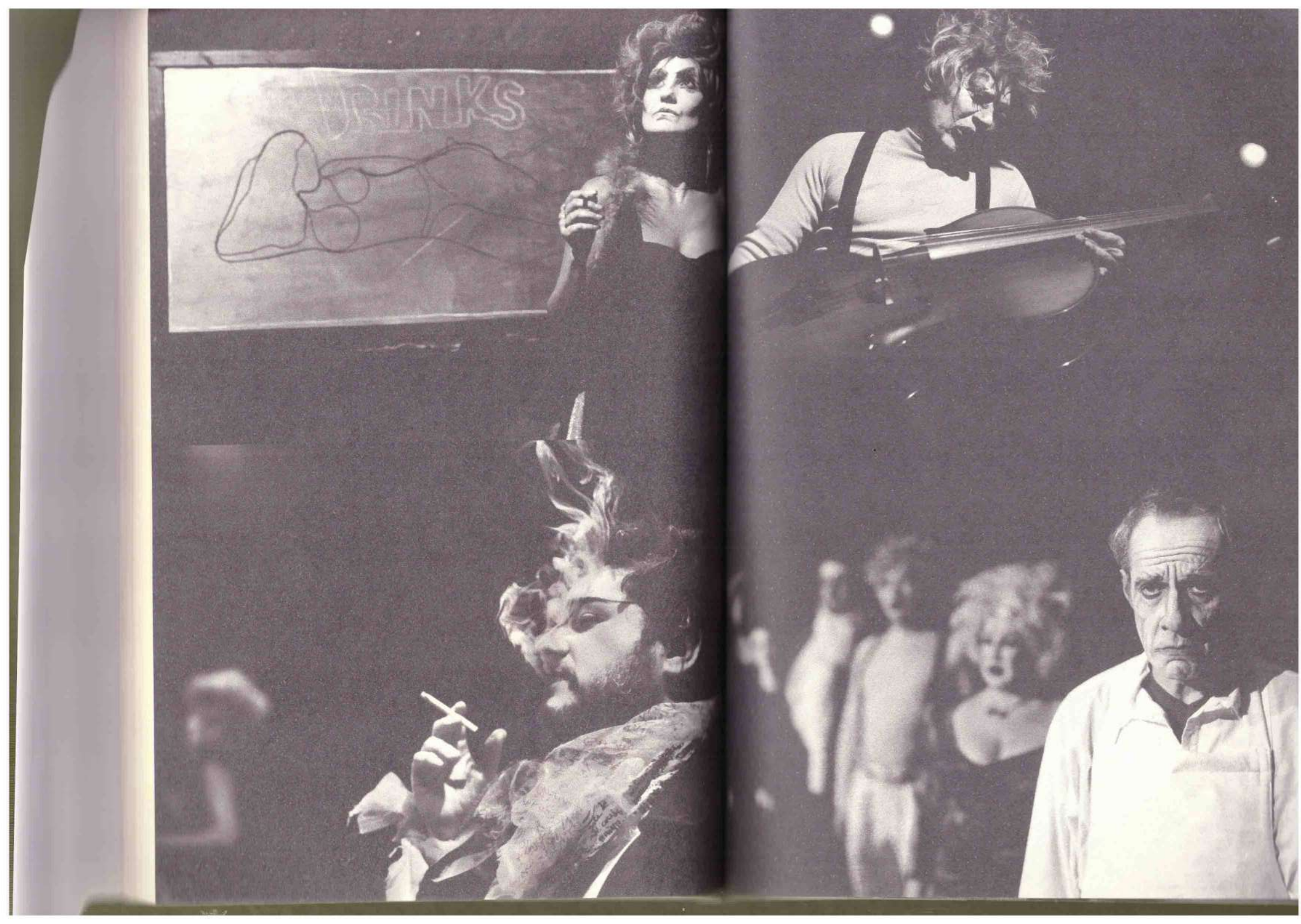
UMA VOZ – E dentro do carro, no mesmo instante, a mãe acordou, sentiu algo estranho e saiu gritando pelas ruas. Às quatro da manhã.

*Sons de cello.*



# ÁLBUM




DRINKS

